

PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA CASA EM AFIFE:
notas sobre o processo de transformação de um lugar.

[volume um de dois]

André Pipa

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Orientada pelo Prof. Doutor Manuel Graça Dias

Porto, 2018

A seguinte dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas livremente para uma leitura mais continuada do texto.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe por existir.

À Mafalda por me acompanhar.

Ao professor Graça Dias por saber ouvir.

A todos e a todas que fazem parte de mim.

ABSTRACT

In this thesis we reflect upon the process that accompanied the project for the refurbishment of a house in Afife, in the province of Viana do Castelo. Along the way, we describe the author's encounter with the innumerable circumstances that define the space of the project while meditating about some of the fundamental issues inherent to the act of inhabitation and its connection with the built environment. While wandering between practice and research, we seek to build the foundations of a critical discourse that aims to inform the project.

By approaching a real context framework, the proposition for the transformation of this place reflects the possible synthesis between personal convictions about the architectural practice and the limits of reality.

RESUMO

Nesta dissertação reflecte-se sobre o processo que acompanhou o projecto para a reabilitação de uma casa em Afife, no concelho de Viana do Castelo. Pelo caminho, faz-se o relato do encontro do autor com as diversas circunstâncias que definem o espaço do projecto, ao mesmo tempo que se medita sobre algumas das questões fundamentais inerentes ao acto de habitar e a sua relação com o espaço construído. No deambular entre a prática e a investigação, constrói-se, assim, os fundamentos de um discurso crítico que visa informar o projecto.

Ao assumir contornos mais próximos de um contexto real, a proposta para a transformação deste lugar reflecte a síntese possível entre as convicções pessoais sobre o exercício da arquitectura e os limites próprios da realidade.

AGRADECIMENTOS, 5

ABSTRACT, 6

RESUMO, 7

PRÓLOGO, 11

1. O SÍTIO

- i. **enquadramento histórico e geográfico de Afife, 19**
- ii. **situação actual de Afife, 23**
- iii. **data de fundação da casa, 23**
- iv. **o terreno, 27**
- v. **a casa, 29**

2. IMPRESSÕES

- i. **primeira visita e algumas notas sobre a apropriação humana do espaço, 37**

3. APROXIMAÇÕES

- i. **atitude e programa, 45**
- ii. **método e experimentação, 55**

4. PROPOSIÇÃO, 65

EPÍLOGO, 85

LISTA DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 88

OUTRAS CONSULTAS, 92

CRÉDITOS DE IMAGENS, 96

PRÓLOGO

Esta dissertação tem por base a elaboração de um projecto de reabilitação de uma casa unifamiliar em Afife, Viana do Castelo.

Para além da exposição e descrição da proposta desenhada, reflectiremos sobre o espaço-tempo que acompanhou todo esse processo, sobre o acto próprio de projectar enquanto viagem e recolhimento de um aprender-conhecer que motiva e informa o projecto. (Mendes, n.d.)

Alimentado pelas circunstâncias que o definem, o espaço do projecto – físico e mental – transforma-se, assim, num campo de meditação e experimentação sobre o fenómeno da habitabilidade dos espaços, tanto daqueles que já existem como daqueles que agora propomos.

Ao longo do relato dessa expedição, meditaremos sobre a dimensão simbólica das nossas escolhas, procurando entendê-las à luz das circunstâncias históricas, sociais, e económicas em que se inscrevem, ao mesmo tempo que reflectimos sobre as motivações e as condicionantes que nos conduziram até à solução final.

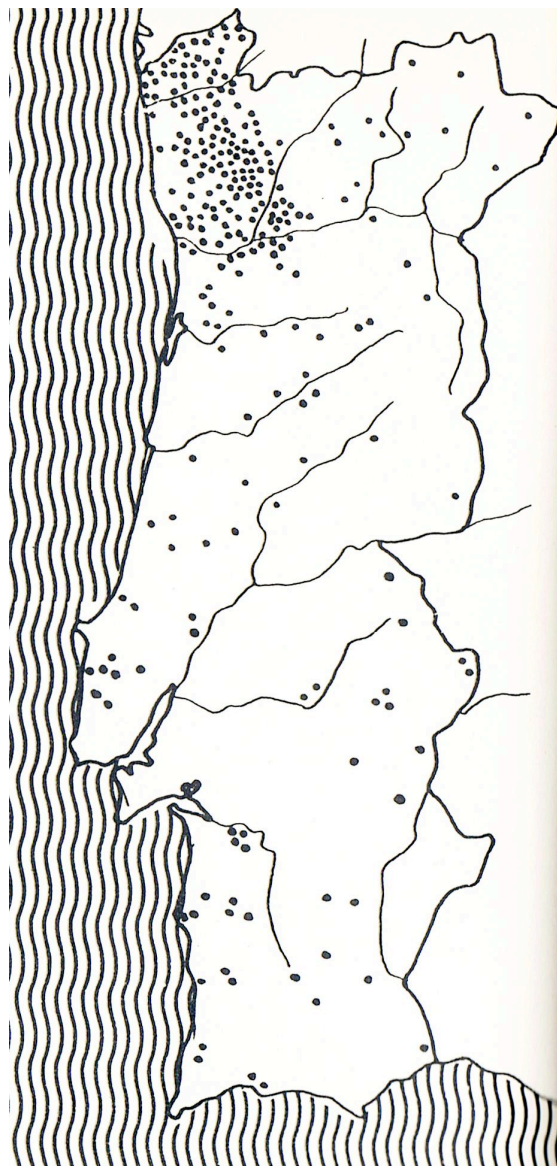
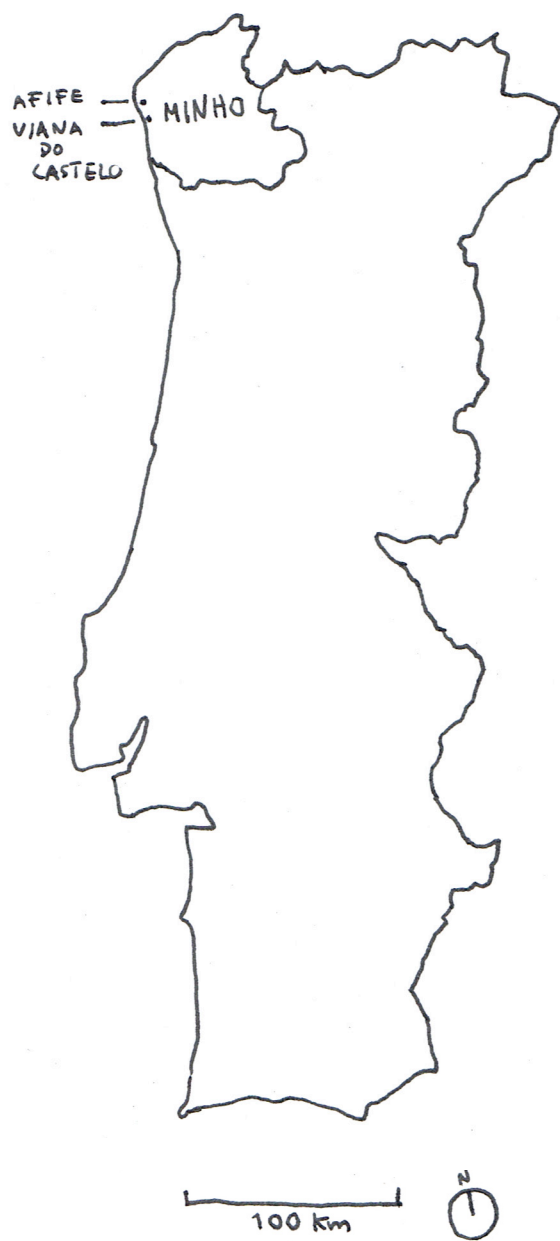
Como consequência da sua natureza gráfica e por uma questão de legibilidade, esta dissertação estrutura-se em dois volumes independentes.

No primeiro volume encontram-se relatadas todas as etapas do processo de transformação deste lugar: a descrição do sítio e da pré-existência; as impressões provocadas pelos primeiros contactos com aquele ecossistema; as aproximações iniciais que contemplam algumas das propostas intermédias e que fizeram parte do processo de reconfiguração deste lugar; e, por último, a proposição, onde cada espaço da proposta é explicado de maneira detalhada.

A narração desta experiência faz-se acompanhar por uma série de indagações de ordem filosófica sobre o sentido do habitar, do existir num lugar. Como escreveu Heidegger, “construir é em si mesmo, desde logo, habitar” (*to build is in itself already to dwell*) (Heidegger, 1971:144), uma ideia que retrata bem a indissociabilidade de dois dos gestos mais elementares da condição humana [o construir e o habitar].

O segundo volume, por sua vez, possui uma matriz mais gráfica e é composto pelos desenhos da proposta. Além das plantas, dos cortes e dos alçados, este apêndice apresenta também fotos e esboços que retratam alguns dos momentos importantes do processo que acompanhou a execução deste projecto.

1. O SÍTIO



01. Mapa de Portugal com a localização do Minho, Viana do Castelo e Afife. 02. Mapa pré-histórico de Portugal e dos povoados castrejos.

i. enquadramento histórico e geográfico de Afife

O objecto de estudo deste trabalho é uma antiga casa situada na região do Alto Minho, mais concretamente, na freguesia de Afife, a doze quilómetros para o norte da cidade de Viana do Castelo.

Esta zona do noroeste peninsular foi, desde muito cedo, lugar de uma intensa ocupação humana, fruto da grande diversidade de recursos naturais que a região oferece. Como escreveram os autores do livro que resultou do *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa* e que se encarregaram do estudo desta zona do país,

“pela abundância de água, relevo e densa arborização, e porque a benignidade do clima incitava à fixação, não é de estranhar que aqui se encontrem, desde milénios, vestígios do ser humano.”

(Sindicato Nacional dos Arquitectos.1961:7).

Os registos mais antigos desta ocupação remetem para o período pré-romano, sendo particularmente abundantes os vestígios de povoamentos castrejos um pouco por toda a zona. Na freguesia de Afife, são conhecidos os castros do Cutro, de Santo António, dois castros no lugar de Agrichouso e um outro no monte da Gateira, para além daquele que é considerado como um dos registos históricos mais importantes da época, o castro da Cividade, lugar onde terá existido a antiga cidade romana da *Britonia* (Leal, 1873:28).

Com as invasões bárbaras da península ibérica e a decadência do império romano no ocidente, a região foi então ocupada, primeiro por suevos e mais tarde por visigodos, cujas “formas culturais [acabariam por encontrar] na cultura hispano-romana o seu principal suporte.” (Alves, 1987:11).

Terá sido ainda durante o reinado suevo, em meados do século VI,



03. Mosteiro de S. João Baptista de Cabanas.

por volta do ano 564, que uma das edificações mais importantes da história de Afife – o convento de São João de Cabanas – foi mandado edificar. (Meira, 1945:44,46). A alusão a esta construção em particular justifica-se pelo grande impacto que esta viria a ter no desenvolvimento económico, cultural e demográfico da freguesia de Afife. Quarenta anos após a sua fundação, o mosteiro detinha já uma grande riqueza, que segundo consta na Memória de Frei Vasco Afonso, D. Abade de Cabanas, seria, à data,

“senhor de todas as terras do monte de Âncora e águas vertentes pelo rio abaixo até ao mar, e além do rio também chamado de Âncora, para a parte do Nascente possuía três milhas de terra, com outras três para a parte do Poente, de que tinha os dízimos, avenças e cõngruas.” (*Apud* Calor, s.d.:6).

No ano de 1177 esta instituição recebeu *carta de couto*¹ por D Sancho I (Arquivo distrital de Braga, s.d.), o que a tornaria, segundo o historiador afifense França Amaral,

“a instituição senhorial com mais influência na freguesia, cujos bens seriam gradualmente acrescentados não só por doações, como também com terras de outros donos que, na impossibilidade de as controlarem as foram abandonando.” (*Apud* Calor, s.d.:4).

1. Segundo o professor e investigador Geraldo Coelho Dias, “*Carta de Couto* pode definir-se, pois, como uma carta de foro e privilégio, um documento do rei ou senhor a criar um domínio fundiário, isto é, uma terra imune e isenta para instituições eclesíásticas.”

A hegemonia sobre o território manteve-se ao longo do tempo e apesar da diminuição dos seus domínios territoriais, nos séculos XVII e XVIII,

“os terrenos de Agrichouso e Pedreira eram [ainda] quase todos do Mosteiro de Cabanas e o povo era, por assim dizer, caseiro de Cabanas, mediante compromisso jurado sob o livro dos Santos Evangelhos.” (Meira, 1945:48).

Estes dados permitem-nos perceber a influência do mosteiro no crescimento daquele território, que desde a data da sua fundação



04. Vista aérea de Afife.

contribuiu de forma directa para a fixação de população na freguesia de Afife, bem como para o desenvolvimento dos costumes e práticas locais. Contudo, esta influência foi perdendo relevância e no século XIX dissipar-se-ia definitivamente com a entrada em vigor do decreto-lei de 1834 que determinava a extinção das ordens religiosas em Portugal. Pouco depois disto, o mosteiro seria vendido em hasta pública e transformado em residência particular (Meira, 1945:49).

ii. situação actual de Afife

Actualmente, a freguesia de Afife conta com 1632 habitantes (INE, 2011). Segundo os mesmos censos, cerca de um quarto da população (26,1%) tem mais de 65 anos, por contraponto com os 10,8% de crianças entre os 0 e os 14 e os 8,3% de jovens entre os 15 e os 24 anos. Estes dados traçam um retrato de uma freguesia bastante envelhecida, no entanto, e apesar da sazonalidade do fenómeno, a proximidade da praia e a beleza natural da zona têm motivado uma aposta no turismo rural, que se tem tornado num dos maiores motores de revitalização da freguesia. Além do turismo, os principais sectores laborais dos afifenses são a pequena indústria e o pequeno comércio (Junta de Freguesia de Afife, *s.d.*).

iii. data de fundação da casa

Apesar dos esforços, não foi encontrado nenhum documento que atestasse com exactidão a data de construção da casa em estudo.

No entanto, segundo é possível constatar na síntese monográfica intitulada *Afife*, da autoria de Avelino Ramos Meira – e que é, certamente, um dos mais completos levantamentos de que há registo sobre a história, as gentes e o património afifenses – foi possível consultar as datas de construção de algumas das *casas antigas*² existentes na envolvente próxima da nossa casa.

2. O termo *casas antigas* dá nome a um dos capítulos da síntese monográfica *Afife* de Avelino Ramos Meira. Pode inferir-se, com base nas datas de construção das casas documentadas, que adquiriam, para Avelino Ramos Meira, à data da sua publicação (1945), o estatuto de *casas antigas*, todas aquelas cujas datas de fundação se reportavam até à segunda metade do século XVIII.



05. 06. 07. Fotografias da entrada, comedouro de porcos e inscrição no pavimento da eira da casa das Catôrras.

Apesar da extensa lista elaborada por Avelino Ramos Meira, sabemos, como o próprio autor indica, que a selecção se limita apenas a algumas das casas mais antigas de Afife, razão pela qual devemos considerar a hipótese de a *nossa* casa não se incluir nesse inventário, mesmo na possibilidade de se tratar de uma construção desse tempo (Meira, 1945:136).

Posto isto, apenas nos podemos permitir apontar uma data aproximada. A existência de algumas casas próximas ao *nosso* terreno cujas datas de fundação remetem para o século XVIII dão-nos uma ideia da antiguidade da sua envolvente. São disso exemplo a casa das Granhouas, localizada no largo das Tílias e que já existia em 1750, a casa do Agro, situada no caminho do Agro, onde há registos de um padre lá ter vivido no ano de 1789 e uma outra, um pouco mais acima, no sítio do Agro de Cima, a casa das Catôrras que também já existia na primeira metade do século XVIII (Meira, 1945:127-128). Nesta última – a casa das Catôrras – reside actualmente uma antiga proprietária da casa em estudo nesta dissertação e com quem tivemos a oportunidade de conversar. Segundo esta senhora – nascida há 103 anos – a casa terá pertencido à sua família durante as três gerações anteriores a ela e crê recordar que já existia antes da sua família a adquirir.

Apesar de não ser possível apurar com precisão a data de fundação da casa, estes dados e as semelhanças que as casas vizinhas acima descritas apresentam com a casa em estudo, nomeadamente no que diz respeito às técnicas construtivas empregues, aos materiais utilizados ou ainda, em relação à presença de alguns elementos típicos da época como o forno a lenha ou a chaminé em pedra, levam-nos a crer que a data de fundação da casa deverá ser muito aproximada à das suas vizinhas.



08. Terreno e envolvente à escala 1:500.

iv. o terreno

O terreno da casa fica situado na zona nordeste da freguesia, mais concretamente no lugar da Telheira. Trata-se de um terreno murado de aproximadamente 900m², delimitado a Norte pelo Caminho do Calvário; a Este por uma edificação residencial particular; a Oeste por duas parcelas de terreno ajardinado a cotas substancialmente inferiores, sendo que, dessas duas parcelas, aquela situada a norte é propriedade de um vizinho e a parcela localizada a Sul, pertencente ao actual proprietário, assim como toda a área que circunscreve a zona sul do terreno e que alberga a actual casa do cliente. Localizada no pátio da zona Este do terreno, uma imponente pedra suspensa sobre um pequeno fosso, anuncia aquela que terá sido em tempos a entrada principal da casa. Apesar de, inicialmente, nada no seu entorno parecer sugerir essa possibilidade – visto encontrar-se voltada para um pátio encerrado a nordeste entre parte da volumetria da casa, parte da casa do vizinho e um pequeno muro que as une e que impede o acesso ao caminho que a liga à estrada – sabemos, pelo testemunho de um dos vizinhos que o volume da casa do vizinho que confronta com o pátio se encontra numa parcela de terreno que terá pertencido ao terreno da casa, facto que não só justifica a existência do caminho que liga a estrada do Calvário à entrada da casa como a própria excepionalidade daquela entrada.

A restante área do terreno subdivide-se em várias zonas menores cujas características lhes conferem, a cada uma delas, uma certa autonomia em relação às demais. Essas particularidades derivam de factores como a própria topografia ou as actividades que nelas eram desenvolvidas. A zona mais baixa do terreno – a noroeste – conta com um largo portão que dá acesso ao caminho do Calvário e que terá sido usado, dadas as suas dimensões, para a entrada e saída de animais e carros agrícolas. A Sul desta zona, diante da entrada



09. 10. Fotografias do exterior da casa.

principal do piso inferior da casa, é possível observar algumas estacas de pedra, tradicionalmente utilizadas para o cultivo da vinha. Na zona nordeste do terreno encontramos a zona de maior área. Tendo em conta a sua dimensão e a forma como se apresentam os socalcos, tudo indica tratar-se de uma zona que terá sido, em tempos, utilizada para o cultivo agrícola.

Outra característica fundamental para a compreensão do terreno são as duas pendentes que o definem: a mais acentuada desenvolve-se – do ponto mais alto para o mais baixo – segundo um eixo nordeste-sudoeste, enquanto que a de menor acento, limitada à zona diante da fachada sudoeste da casa, segundo um eixo sudeste-noroeste. Devido a estas características é possível observar um pouco por todo o terreno um grande número de socalcos e terraços que surgem a contrariar esses declives. Esta é, sem dúvida, uma das qualidades mais marcantes do terreno, pela dinâmica que introduz nos espaços exteriores da casa mas também pelas relações de hierarquia que estabelece entre os vários elementos que o constituem.



Cortes esquemáticos pelo terreno segundo os eixos nordeste-sudoeste (em cima) e noroeste-sudeste (em baixo).

v. a casa

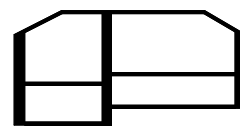
A área de implantação da construção existente ocupa cerca de 125m². Trata-se de uma construção em alvenaria de pedra, de aparelho irregular e cobertura inclinada em telha. Apesar das muitas e visíveis alterações que sofreu ao longo do tempo é ainda possível detectar muitos dos seus elementos originais. São disso exemplo as vigas de madeira que suportam o soalho do piso superior, as paredes de tabique ou um forno de lenha em pedra. Apesar de substituído recentemente, o novo telhado manteve a estrutura de madeira idêntica às dos telhados típicos da zona.

Constituída por dois pisos, as cotas dos dois níveis sofrem um pequeno desnível no encontro dos dois corpos que conformam



11. 12. Fotografias do interior da casa.

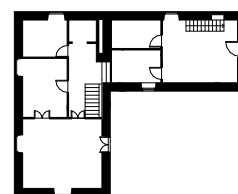
o volume, podendo observar-se uma ligeira elevação da parte correspondente ao corpo nordeste da volumetria e que acompanha a pendente do terreno (aproximadamente 100 centímetros no piso inferior e 45 centímetros no piso superior).



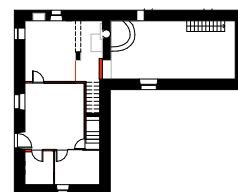
Corte esquemático do desnível entre os dois corpos do volume, 1:500.

Além destas características, é ainda possível observar duas mísulas na fachada sudoeste da casa – onde se supõe que em tempos tenha existido um pequeno alpendre diante da porta de entrada – e uma outra na fachada sudeste que poderá ter servido de apoio às guias das vinhas.

Mais recentemente, a casa foi dividida em duas residências perfeitamente autónomas, tendo sido separadas por duas paredes (uma em cada um dos pisos) nas passagens localizadas na intersecção dos dois corpos ortogonais. Ao que tudo indica, a compartimentação no piso superior das duas residências ter-se-á mantido inalterada mesmo após a divisão das casas. A única modificação foi a incorporação de um novo forno e respectiva chaminé numa das divisões existentes da nova residência situada a Este e que foi adossada à chaminé existente. No piso inferior, só a residência localizada a Oeste sofreu alterações, tendo sido criadas novas compartimentações com o recurso à construção de paredes em tijolo. O espaço do piso inferior correspondente à casa do lado Nascente manteve a sua configuração original cujo solo não pavimentado e a presença de um bebedouro sugerem tratar-se da zona onde eram guardados os animais.



Planta da pré-existência do piso superior, 1:500.



Planta da pré-existência do piso inferior 1:500.





13-29. Fotografias dos vários espaços da casa.

2. IMPRESSÕES



30. Fotografia de um dos quartos da casa em meados do mês de Outubro.

i. primeira visita e algumas notas sobre a apropriação humana do espaço

Ao chegarmos à casa pelo lado sudeste, uma grande pedra deitada sobre o fosso que dá acesso ao piso de baixo convida-nos a entrar. Lá dentro, o sol entra bruscamente pelas janelas e deixa marcadas nas paredes as suas silhuetas. A luz, as cores, a madeira, o cheiro, rapidamente deixam uma impressão. Descendo as escadas, a porta, que entretanto tinha passado a ser a entrada da casa da frente, deixa passar os mesmos raios de sol que entram com toda a obliquidade. No espaço seguinte, a cozinha, e, na cozinha, o enorme forno de lenha apresentava vestígios de um uso recente. Ao sairmos para o jardim pela nova entrada, uma grande macieira marca o centro de uma das várias plataformas dispostas diante da fachada sudoeste da casa, que são delimitadas por pequenos muros. Por ali pelo meio, algumas das estacas de pedra que em tempos aguentaram as uvas tinham caído, junto com as pedras do muro limítrofe, que também tinha derrocado. A terra e as ervas envolviam-nas e os ramos das árvores invadiam as passagens.

O cenário era de abandono mas por detrás daquelas paredes gastas, dos vidros partidos, das abelhas mortas, sentia-se uma energia que falava da vida que havia acontecido naquele lugar. Estas ruínas não eram apenas pedras caídas e portas deformadas; eram reminiscências de rituais antigos de seres que partilham connosco a experiência inata e universal de habitar o espaço. Independentemente da época ou da geografia, o acto de ocupar, de apropriar, de transformar, de domesticar um qualquer espaço é, desde os tempos mais remotos, um fenómeno indiscutivelmente transversal à condição humana.

Em 1982, num discurso perante a *New York Architectural League* em que falava sobre a origem da arquitectura, o arquitecto italiano



31. Vista aérea dos anfiteatros de Muru-Uray, construídos pela tribo inca dos *Maras*, entre Cuzco e Machu Pichu, Peru.

Vitorio Gregotti afirmou que

“antes de transformar um pilar em uma coluna, antes de transformar um telhado num tímpano, antes de pôr pedra sobre pedra, o ser humano colocou uma pedra no chão para reconhecer um lugar no meio de um universo desconhecido, de maneira a apropriar-se dele e modificá-lo.” (*Apud* Nesbit, 1996:526).

Tal afirmação não só evidencia o carácter universal desse gesto [o da apropriação] como retrata um dos mais elementares intercâmbios do ser humano com a terra.

Essa relação encontra na arquitectura um dos seus legados mais valiosos e a casa que tínhamos perante nós era um pedaço valioso desse espólio.

Anónima e intemporal, este tipo de arquitectura, a que o tempo apelidou *vernacular*, “não respeita os ciclos da moda. É quase imutável, diria mesmo, imelhorável, uma vez que serve os seus propósitos na perfeição”. Quem o escreveu foi Bernard Rudofsky, que em 1964 apresentava no *MOMA (Museum of Modern Art)* a exposição intitulada *Architecture Without Architects* onde catalogava uma série de empreendimentos comunitários, construídos em diversas partes do mundo, por povos que, segundo ele, haviam sido omitidas da História da Arquitectura, que por sua vez se preocupava mais com o trabalho do arquitecto individual do que com os feitos destas comunidades anónimas. Para o arquitecto checo-americano, a sabedoria destes construtores anónimos

“vai para além de considerações económicas e estéticas pois ela toca nas questões mais difíceis e na crescente e problemática questão de como viver e deixar viver.” (Rufosky, 1964:1-6).

De facto, se observarmos com atenção, não existem incógnitas, a



32. Vista aérea de uma vila construída pela tribo sudanesa *Dogons*, na planície de *Bandiagara*, Mali.

não ser aquelas que o tempo e a natureza escondem do nosso olhar.

A pedra usada na construção dos muros e das paredes é a mesma pedra de que se veste a serra; os socacos foram construídos para o cultivo agrícola, as estacas de pedra para as vinhas; o bebedouro de pedra naquele espaço da casa diz-nos que era ali que se guardavam os animais; o forno a lenha conta-nos como se aqueciam e como cozinhavam. Tudo o que existe, tem uma razão para existir, lógica e simples. A vida dos seus habitantes esculpiu aquele lugar à medida das suas necessidades. Não há nada a mais nem a menos naquele lugar. Como Rudofsky escrevia, a beleza desta arquitectura é apenas “o resultado de um raro bom-senso na resolução de problemas práticos.” (Rufosky, 1964:4)

Há uma sabedoria implícita naquelas formas. Uma espécie de verdade escondida. A partir de aqui, independentemente do que viéssemos a propor para este lugar parecia pouco provável que fôssemos capazes de ignorar o valor simbólico daquelas construções.

Perante uma pré-existência tão marcada, foi-se tornando claro que o exercício fundamental, neste projecto, passava por saber interpretar as dinâmicas próprias daquele ecossistema e o conjunto de relações que o configuravam, “olhar para ele como uma colecção de potencialidades e energias a expandir e não apenas como uma massa inerte para modelar.” (Harvard, 2015).

Uma postura perante a pré-existência que se aproxima daquela adoptada pelos arquitectos franceses Anne Lacaton e Jean Philippe Vassal. Nas palavras deles,

“trata-se de nunca demolir. Trata-se de nunca desfazer mas antes, adicionar e fortalecer o equilíbrio das organizações urbanas existentes. Trata-se de não cortar o que está vivo. (Harvard, 2015).

3. APROXIMAÇÕES



33. Visualização do projecto *Tindaya* do escultor Eduardo Chillida, uma intervenção escultórica no monte *Tindaya*, em Fuerteventura, Espanha (1985).

i. atitude e programa

Nestas páginas abordaremos dois conceitos que ao longo do processo de reconstrução deste *habitat* foram revelando uma enorme interdependência. Um não pode ser explicado sem o outro.

Tampouco sabemos qual dos dois vem primeiro e por isso é natural que, por vezes, a exposição deste binómio possa não seguir um trajecto inteiramente linear.

Um dos factores mais importantes no processo de reorganização dos espaços da casa foi a inexistência de um programa pré-definido. Esta circunstância excepcional permitiu olhar para a pré-existência sem o filtro do utilitarismo. Permitiu olhar para cada espaço liberto de qualquer predeterminação funcional, para as suas qualidades inatas independentemente da sua utilidade potencial. Observei a luz, o som, a temperatura, as relações entre os espaços e as suas relações com o exterior. No lugar de *quarto*, de *sala*, de *cozinha*, vi *intimidade*, *silêncio*, *exterioridade*; No fundo, esta atitude tratava de procurar compreender o espaço para logo descobrir “o que o espaço quer ser”³, como tão eloquentemente o afirmava Louis Kahn.

3. Afirmação comumente atribuída a Louis Kahn, apesar de não constar, aparentemente, em nenhum documento escrito.

Por causa disso, foi possível olhar para aquela construção, não como uma casa, mas como um conjunto de limites que definem um espaço, vários espaços, como fronteiras que determinam a diferença fundamental entre o *estar dentro* e o *estar fora*. Subitamente, uma janela, uma porta, representam o momento mágico que vive no interlúdio entre essas duas dimensões, um espaço-tempo inabitável mas essencial para a nossa condição enquanto *habitantes* do mundo. Este fascínio pela tensão entre o interior e o exterior é relatada de forma notável por Peter Zumthor:

“Um acontecimento fantástico, isto. A maneira como a arquitectura pega num pedaço do globo e constrói uma minúscula caixa a partir



34. Projecto de uma casa em esteira de palha, Lacaton e Vassal, Niamey, Niger (1984).

dele. E de repente, há um interior e um exterior. Pode-se estar dentro ou fora. Brilhante! E isso significa –igualmente brilhante! – isto: limites, cruzamentos, o minúsculo buraco da fechadura, transição quase imperceptível entre o interior e o exterior, uma inacreditável sensação de concentração quando de repente nos damos conta de estar encerrados, de algo a envolver-nos, a manter-nos unidos. A segurar-nos – independentemente de sermos muitos ou um só.”

(Zumthor, 2006,45-47)

À primeira vista, este tipo de abordagem pode parecer mais adequada aos casos em que a pré-existência é mais significativa, algo que se torna particularmente relevante em projectos de reabilitação de espaços já construídos. Contudo, a nosso ver, isto não significa que esta atitude perante o projecto se deva limitar aos casos em que o rasto do ser humano é mais evidente. Mesmo o terreno mais vazio partilha com todas as outras obras de arquitectura uma condição comum, a de estar contido num sítio, num lugar – talvez a única circunstância verdadeiramente transversal a qualquer obra de arquitectura. E porque a obra de arquitectura pertence, invariavelmente, ao sítio, julgamos que a única atitude possível perante o projecto é a da sua inclusão [do sítio] enquanto variável imprescindível na complexa equação que é a sua própria transformação. Mais uma vez, nas palavras de Lacaton e Vassal,

“Trata-se de considerar, com igual atenção, todos os tipos de geografia. (...) de estudar o potencial para a evolução e transformação de cada situação construída, cada território já equipado.” (Harvard, 2015).

Observar, ler, interpretar, para depois (re)fazer, melhorar, potenciar.

Mas relembremos uma vez mais a circunstância em que surgiu este projecto.



35. *Maison Bordeaux*, Rem Koolhaas, Bordéus, França (1998). 36. *Maison de Verre*, Pierre Chareau, Paris, França (1932).

A oportunidade de fazer este projecto foi motivada pela vontade de fazer desta dissertação uma tentativa de aproximação a um contexto real de uma obra de arquitectura. Nesse sentido, foi proposto ao cliente a reabilitação de uma casa abandonada que se encontrava inserida dentro do terreno da sua casa actual. Dada a espontaneidade da iniciativa e a inexistência de qualquer intenção prévia de intervir naquele espaço por parte do cliente, estas particularidades acabaram por originar contornos singulares durante todo o processo que contribuiriam para a criação de um espaço de experimentação de grande autonomia e liberdade.

A relevância desta excepcionalidade já a reconhecia Solà-Morales em 1996 quando se referia à *casa do artista*, à *casa do próprio arquitecto*, à *casa do amateur de arquitectura*, à *casa do snob* ou à *casa do mecenas* como “o banco de provas ideal para a sobrevivência de experimentações do tipo neo-vanguardistas.” Para o arquitecto e filósofo catalão, este tipo de experimentação minoritária – os projectos de casas particulares, geralmente isoladas, motivados por clientes ou promotores excepcionais – gozavam de uma liberdade muito superior às habituais e representavam “um dos lugares privilegiados para a experimentação arquitectónica e, com mais motivação para a experimentação das possibilidades que se podem propor para a habitação.” (Solà-Morales, 1996:15)

Num certo sentido, a circunstância deste projecto aproximava-se às daquelas citadas anteriormente, por se tratar de uma obra cuja motivação inicial assentava na mera curiosidade de explorar as potencialidades daquele lugar abandonado.

Esta liberdade incentivou-nos a fazer perguntas, levantar problemas, questionar convenções. Da curiosidade partimos à procura de respostas em contextos similares para constatar o que Solà-Morales



37. Complexo residencial de Pruitt-Igoe, Minoru Yamasaki, St. Louis, Missouri, EUA (1954). Demolido em 1973.

já havia constatado em 1996 mas que continua a ser tragicamente válido nos dias de hoje:

“Desde um ponto de vista tipológico-distributivo, as variações que apresentam os apartamentos, os condomínios ou as casas unifamiliares isoladas é muito reduzida.” (Solà-Morales, 1996:14).

Mas este não é um fenómeno recente. Em 1974, o escritor e filósofo francês Georges Perec já falava da cultura do monofuncionalismo dos espaços nos apartamentos e criticava os arquitectos por terem “ideias muito precisas sobre o que deve ser uma entrada, uma sala de estar, um quarto para os pais, um quarto para a criança, um quarto para a criada, um corredor, uma cozinha ou uma casa de banho”, quando, na verdade, “no início, todas as divisões se assemelham bastante”, escrevia. (Perec, 2001:54)

O princípio funcionalista, que se tornaria numa das bandeiras da arquitectura do movimento moderno, pode ser rastreado até, pelo menos, 1929, altura pela qual se realizou, em Frankfurt, o segundo *Congrès Internationaux d'architecture moderne (CIAM II)*, “que sob o título *Existenzminimum*, estava dedicado a determinar os critérios óptimos para a habitação mínima convencional”, escrevia Frampton (1993:181)

Apesar da sua relevância para o estudo da habitabilidade, não é, de todo, um dos objectivos desta dissertação, traçar a genealogia do funcionalismo na arquitectura.

O certo é que, como dizia o arquitecto holandês, John Habraken, cujo trabalho ficaria marcado pela investigação que realizou em torno da questão da participação dos usuários no processo de construção dos seus *habitats*, “era preciso libertar a arquitectura do funcionalismo programático”. Tal como escreveu Solà-Morales,

“76. The four keys to urban planning are the four functions of the city: dwelling, work, recreation (use of leisure time), transportation.

77. The city plan should determine the internal structure and the interrelated positions in the city of each sector of the four key functions.

78. The plan should ensure that the daily cycle of activities between the dwelling, workplace and recreation (recuperation) can occur with the utmost economy of time. The dwelling should be considered as the prime center of all urban planning, to which all other functions are attached.” (Congress Internationaux d’Architecture moderne, 1946)

38. Excerto da Carta de Atenas, documento produzido no âmbito do IV CIAM, sob o tema “A cidade Funcional”, conduzido, sobretudo, por Le Corbusier.

“o princípio funcionalista converte-se em inconsistente a partir do momento em que as necessidades – mínimas, médias, exigíveis, próprias da condição humana, etc. - se convertem em absolutamente relativas.” (Solà-Morales, 1996:16).

Afinal, quem e como é que se determinam os padrões mínimos a partir dos quais se pode usufruir de uma vida com dignidade?

“É necessário poder ir ao cinema? É necessário ter um jardim próprio onde cultivar as flores de que se gostam? É necessário ir de férias para paraísos exóticos? É necessário dispor de automóvel e poder mover-se e com ele comodamente? É necessário ter visto directamente la Gioconda, a capela sistina, o guernica, ou a estátua da liberdade? É necessário poder escolher entre comida italiana, tailandesa, mexicana ou escandinava? É necessário ter uma máquina de lavar em casa, ou um jacuzzi ou um espaço para uma coleção de porcelana do século XIX? É necessário espaço para guardar esquis, bicicletas todo-o-terreno, um equipamento de mergulho ou uma prancha de surf?” (Solà-Morales, 1996:16-17).

Estas interrogações levantam questões pertinentes sobre a própria natureza humana e alertam-nos para a complexidade intrínseca que a caracteriza.

Nesse sentido, começamos a ensaiar, dentro da liberdade que o cliente e as condições económicas nos permitiam, uma série de propostas que procuravam expandir as possibilidades que a casa oferece, rompendo com a lógica funcionalista dos espaços e explorando ao máximo as suas capacidades.



39. Pintura *Number 14*, Mark Rothko (1960)

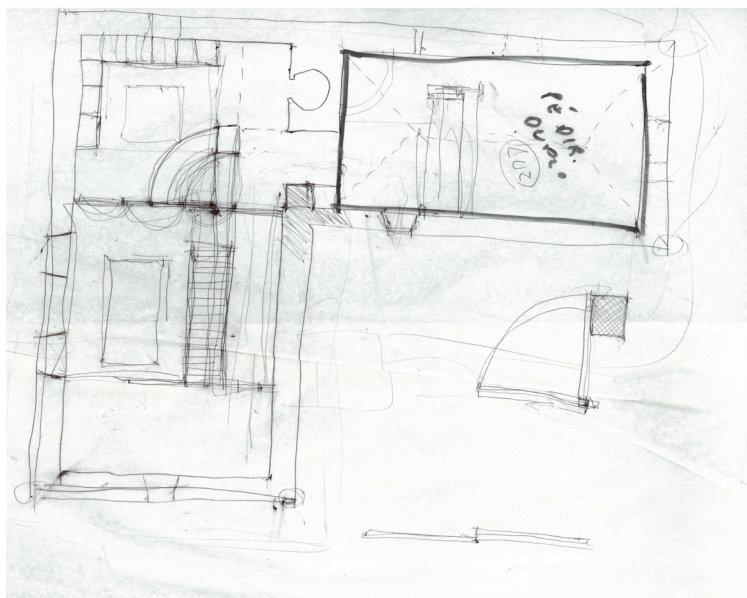
ii. método e experimentação

Neste segundo ponto, descreveremos o método seguido na abordagem ao novo lugar e apresentaremos dois esboços que antecederam a proposta final e que beneficiaram da grande liberdade que o regime exploratório inicial permitiu.

É possível observar que em ambas as propostas existiam já algumas certezas quanto à disposição de alguns espaços. Apesar dos seus contornos poucos definidos, parecia claro que as zonas comuns da casa se deveriam fixar no piso inferior, na parte orientada a sudoeste, por oposição às zonas de carácter mais íntimo que se fixariam em cima.

Neste ponto, muitas destas convicções eram apenas o resultado de um processo intuitivo e não derivavam de nenhum tipo de exercício reflexivo. É interessante observar, que mesmo depois de todo o processo de maturação que afecta qualquer projecto, muitas dessas ideias iniciais se mantiveram até ao fim, sobrevivendo a todas as alterações de pressupostos que entretanto foram surgindo. São exemplo disso as salas comuns ou a entrada que desde o primeiro momento se fixaram naqueles lugares, apesar de diversas explorações em sentidos contrários. Este fenómeno despertava-nos para a importância da intuição no processo criativo. Sobre esse processo mental, poucas interpretações serão tão assertivas como as do psicanalista Carl Gustav Jung que explicava a intuição como

“a função psicológica que transmite a percepção por via do inconsciente.(...) Na intuição, qualquer conteúdo se apresenta como um todo acabado sem que saibamos explicar ou descobrir como este conteúdo chegou a existir. É uma espécie de apreensão instintiva, não importando o conteúdo.” (Jung, 1991:264)



40. Planta de uma das primeiras fases do projecto onde se pode ler um apontamento relativo à luz no espaço onde se guardavam os animais.

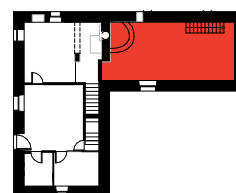
De facto, muitas daquelas convicções iniciais parecem-nos, agora, tão válidas como quaisquer outras que tenham sido o resultado de maiores reflexões e a prova disso é que mesmo após toda a ponderação, muitas daquelas ideias se mantiveram praticamente intactas no final da viagem.

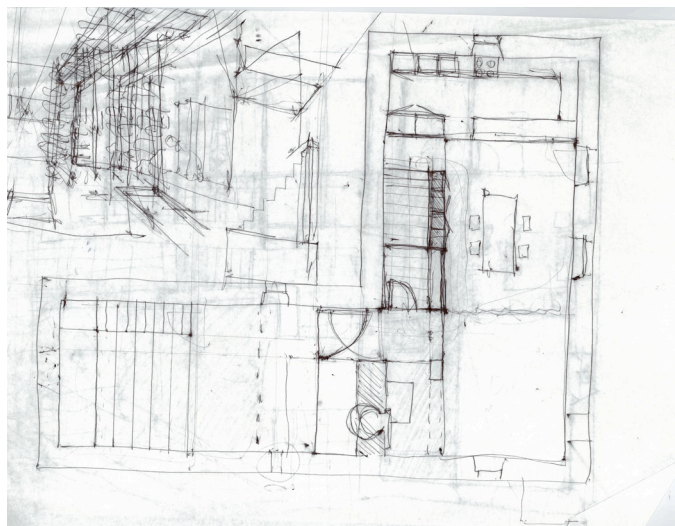
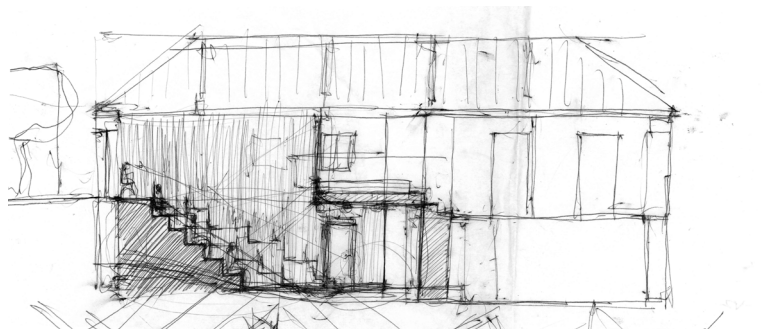
Como nos dizia Álvaro Siza sobre o acto de projectar, “há um princípio quase em nebulosa, raramente arbitrário.” Só depois “entra a razão, com os seus limites e a sua eficácia.” (Siza, 2009:317)

Porém, esta maneira de projectar, aliada às particularidades descritas no ponto anterior sobre a circunstância de abordar este projecto sem um programa predefinido, deu azo a uma estratégia de leitura e análise excessivamente individualizada de cada espaço, que desembocaria numa procura um tanto obsessiva pela optimização de cada um desses espaços.

Apesar de estar implícito no método – ainda que de forma inconsciente – uma preocupação pela harmonia entre todos os elementos da casa, essa leitura sequencial do espaço parecia revelar-se intransigente quanto à ideia de que um dos espaços poderia, de alguma maneira, ser inferior em qualidade face aos restantes. Esta atitude fez com que se colocasse um foco excessivo na reabilitação daqueles espaços cujas qualidades inatas eram – por força das condições pré-existentes – naturalmente menos atractivos.

Um desses espaços era precisamente a divisão onde se guardavam os animais e o ponto mais problemático de toda a pré-existência. Por causa disso, resolvê-lo tornou-se num dos imperativos do projecto. Com apenas um ponto de acesso desde o exterior, orientado a sudeste – que entretanto fora emparedado com cimento – e uma pequena entrada de luz a noroeste que era, simplesmente, a folga entre duas





41. Casa-anfiteatro, Aristides Antonas, Hydra, Grécia (2007).
 42. Esquisso de um corte da proposta do auditório 43. Planta do R/C da proposta do auditório.

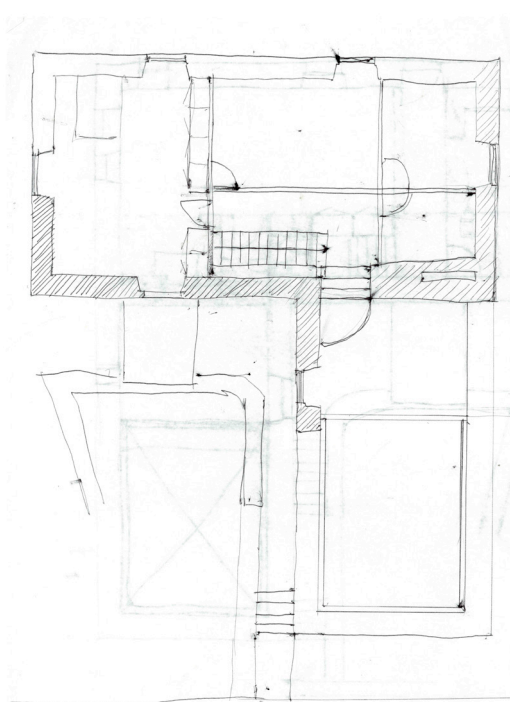
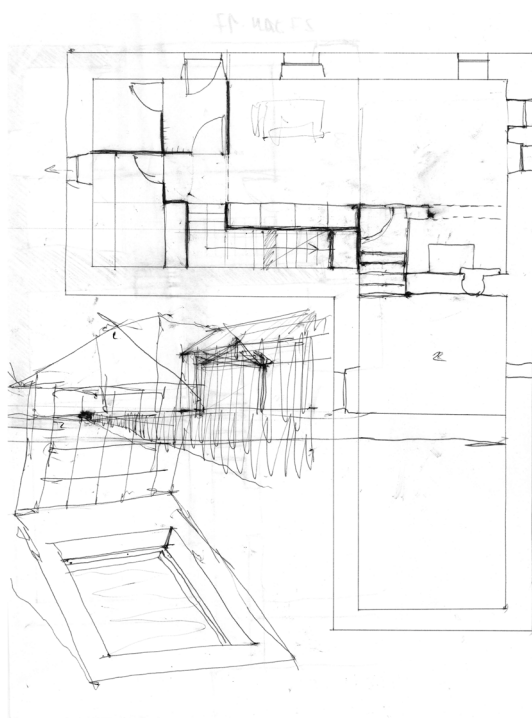
das pedras que compunham a fachada, a iluminação deste espaço era muito deficitária. À parte disto, o solo apresentava um declive que atingia, no ponto mais alto, uma altura de apenas 1,70m e era composto, na maioria da sua superfície, por rocha granítica, factor que reduzia significativamente a possibilidade de escavação.

Devido à sua pendente, o terreno exterior envolvia praticamente todo este espaço – com excepção do local onde se encontra a porta de acesso, que se situava no ponto de menor inclinação do terreno – impossibilitando a abertura de novos vãos.

Neste ponto, a única maneira de inserir luz naquele espaço passava por trazê-la do piso superior. Inspirados pelo projecto da casa-anfiteatro projectada pelo arquitecto grego Aristides Antonas na ilha de Hydra, na Grécia e tendo em conta que a ocupação e o meio profissional do cliente envolvem actividades performativas, que poderiam beneficiar de um espaço com características similares, propôs-se que aquele espaço fosse transformado num pequeno auditório, demolindo a estrutura do piso superior e usufruindo da altura dos dois pisos. Esta proposta mantinha os acessos pré-existentes de ambos os pisos, resolvia a pendente do piso inferior e melhorava significativamente o problema da iluminação.

Apesar de concordarmos que a proposta solucionava os problemas identificados, a provável esporádica utilização daquele espaço parecia não justificar a *perda de área útil* que a proposta contemplava, levando o cliente a rejeitar a ideia.

Contudo, o espírito de abertura mantinha-se e outras ideias foram surgindo. Assente na mesma premissa – a de solucionar os problemas que haviam sido diagnosticados naquela divisão – propusemos uma outra ideia que incluía a inserção de uma piscina ou de um tanque



44 Corte e esquisso da proposta da piscina.
45. Planta do R/C e esquisso da proposta da piscina. 46. Planta do primeiro piso da proposta da piscina.

de água naquele espaço. Esta solução contemplava a demolição da parte superior do volume que se encontrava por cima dele, pondo a descoberto a piscina e aproveitando os muros existentes como molde para a cofragem do betão. Ao nível do piso superior e adjacente ao restante volume da casa, um espaço com um grande envidraçado daria apoio à piscina e funcionaria como um espaço em aberto cuja utilidade seria deixada à consideração dos seus habitantes. No entanto, a ideia de *desperdiçar área útil* da casa parecia, mais uma vez, não convencer o cliente.

Aos poucos, a liberdade que aquele regime de experimentação inicial tinha permitido começava a encontrar os seus limites.

À medida que a ideia da intervenção inicial foi ganhando forma(s), outros factores começaram a ser trazidos para a equação: número de quartos, número de casas de banho, salas, cozinhas, estacionamento, piscinas, mais quartos, mais casas de banho. Subitamente, a linguagem que era utilizada até então para nos referirmos aos espaços da casa passou a operar num campo semântico mais próximo daquele utilizado pelos agentes ou promotores imobiliários e adquiriu um grau de pragmatismo incómodo mas expectável e de certo modo, necessário.

Também aqui começaram a clarificar-se as intenções do cliente e um dos imperativos do projecto passou a ser a procura por uma solução economicamente sustentável.

Esta sustentabilidade, que significava pensar um modelo de habitação que garantisse ao cliente o retorno financeiro do investimento e que garantisse a viabilidade da operação, representava uma mudança significativa nos pressupostos sobre os quais tinham assentado, até então, a reabilitação desta casa. Nesse sentido, o cliente abordou-



“O sistema estrutural deste conjunto de 7 casas é assumido abertamente e proporciona a base para um sistema personalizável de diferentes elementos de preenchimento. (...) a grande ideia por detrás do esquema era a de que os utilizadores pudessem adaptar a sua casa à medida que as suas necessidades se fossem alterando ao longo do tempo. Ao desenvolver um sistema à base de elementos de carga estruturais e não-estruturais que podiam facilmente ser compreendidos visualmente e intuitivamente, Steidle e os seus colaboradores passaram aos habitantes o conhecimento que lhes permitiria adicionar ou alterar as suas próprias casas sem terem que consultar, de novo, os arquitectos ou os engenheiros estruturais. Este sistema aberto de estrutura e enchimento levou a um conjunto de edifícios que, esteticamente se encontra ainda intacto. No entanto, volumes, interiores e usos mudaram consideravelmente ao longo dos últimos 40 anos.” (Spatial Agency, n.d.)

47. Complexo residencial *Genter Strasse*, Otto Steidle, Munique, Alemanha (1969-71).

nos quanto à vontade de fazer da casa um projecto de alojamento turístico. À primeira vista, esta reconfiguração impunha pensar uma solução que fosse capaz de se adaptar às contínuas variações que se dão numa tipologia deste género, motivadas pela continua substituição dos seus habitantes e consequente variação das suas necessidades.

Esta circunstância reiterava ainda mais a necessidade de encontrar uma solução suficientemente flexível que contrariasse a rigidez dos modelos tradicionais e fosse capaz de responder às exigências próprias deste tipo de habitações.

Aquilo que à partida parecia uma certeza inabalável – a de que este programa exigiria da casa um conjunto de infra estruturas muito diferentes daquelas exigidas por um modelo pensado para uma ocupação mais prolongada no tempo – revelou-se, na verdade, completamente contrário às nossas suposições iniciais.

Num certo sentido, somos todos turistas numa casa. Uns apenas se demoram nela mais do que outros. Até certo ponto, podemos afirmar que a única diferença fundamental entre uma casa pensada para fins turísticos – onde as ocupações são, geralmente, de pouca duração – e as casas de habitação – ditas permanente – é a velocidade das transformações que nela ocorrem. Nem mesmo o modelo mais convencional de família se livra da contínua metamorfose que a vida impõe sobre o seu quotidiano. Um filho, mais uma filha, menos um que vai para a universidade, os primos que visitam, o filho que volta, o neto que chega, a avó que fica. Todas estas circunstâncias alteram drasticamente os rituais domésticos de uma casa, contudo, muito poucas casas parecem estar preparadas para responder a essa volatilidade.

Assim, tentámos pensar esta casa a partir desse pressuposto de mutabilidade contínua. Uma casa capaz de se adaptar e de se transformar para, e com os seus habitantes. Uma casa para pessoas.

4. PROPOSIÇÃO



48. Esquisso do terreno e da casa em vista de pássaro.

Neste capítulo descreveremos a proposta a partir da explicação das decisões tomadas para cada um dos espaços, individualmente e na sua relação com os outros espaços, ao mesmo tempo que abordaremos algumas das problemáticas que essas escolhas suscitaram.

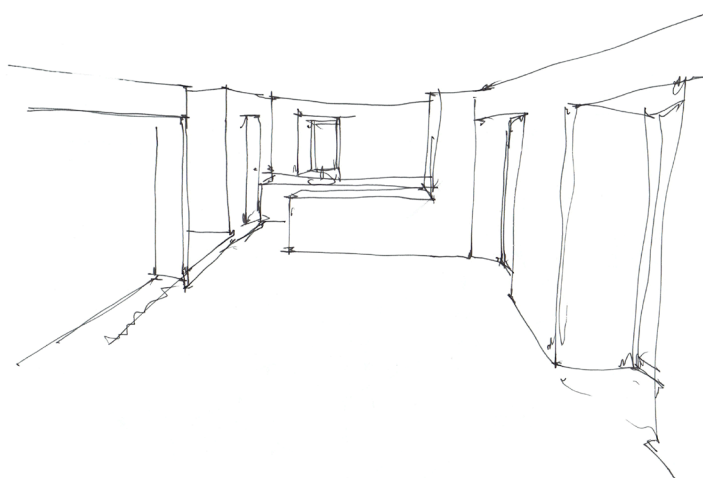
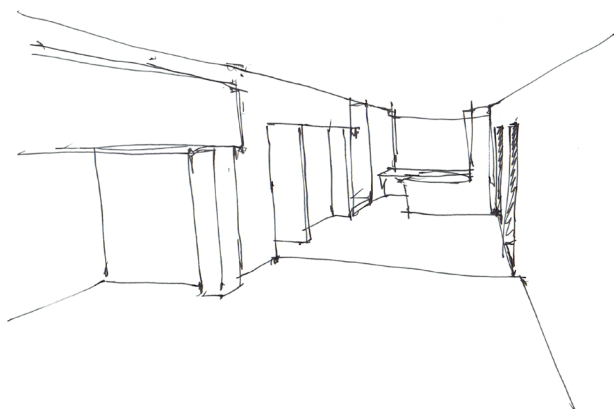
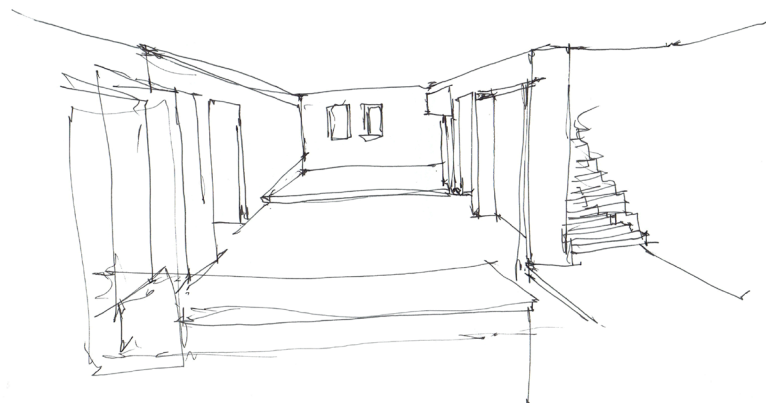
Esta casa começou a desenhar-se muito antes de se lhe decretar uma finalidade. Como explicado no capítulo anterior, muitas das soluções nasceram dos primeiros encontros como consequência de uma intensa relação entre o corpo e o espaço.

Uma das características mais impressionantes daquele lugar era sem dúvida a relação dos espaços interiores com o exterior. Cada janela, cada porta vivia o mundo lá fora de maneira diferente da outra. Se umas portas prolongavam a intimidade do interior para um pátio apertado entre pedras e árvores outras abriam-se para a paisagem e algumas janelas tinham uma relação especial com o horizonte.

A heterogeneidade das várias relações espaciais entre o interior e o exterior presentes ao longo de todo o edifício definiam por si mesmo as diferentes naturezas de cada um dos espaços. Por causa disto, muitos dos espaços que percorremos já tinham decidido o que queriam ser mesmo antes de os visitarmos.

Por uma questão de clareza, mas também de convicção, optámos por classificar os novos espaços a partir de uma das suas características mais singulares ao invés de rotulá-los a partir da sua função. Naturalmente, algumas destas divisões têm que ser chamadas pelo nome, como são os casos da cozinha ou das casas de banho.

Para uma compreensão mais completa deste capítulo, sugerimos que a leitura das próximas linhas se faça acompanhar do *volume dois* desta dissertação.



49. 50. 51. Esquissos dos espaços interiores do piso inferior.

Sala da entrada

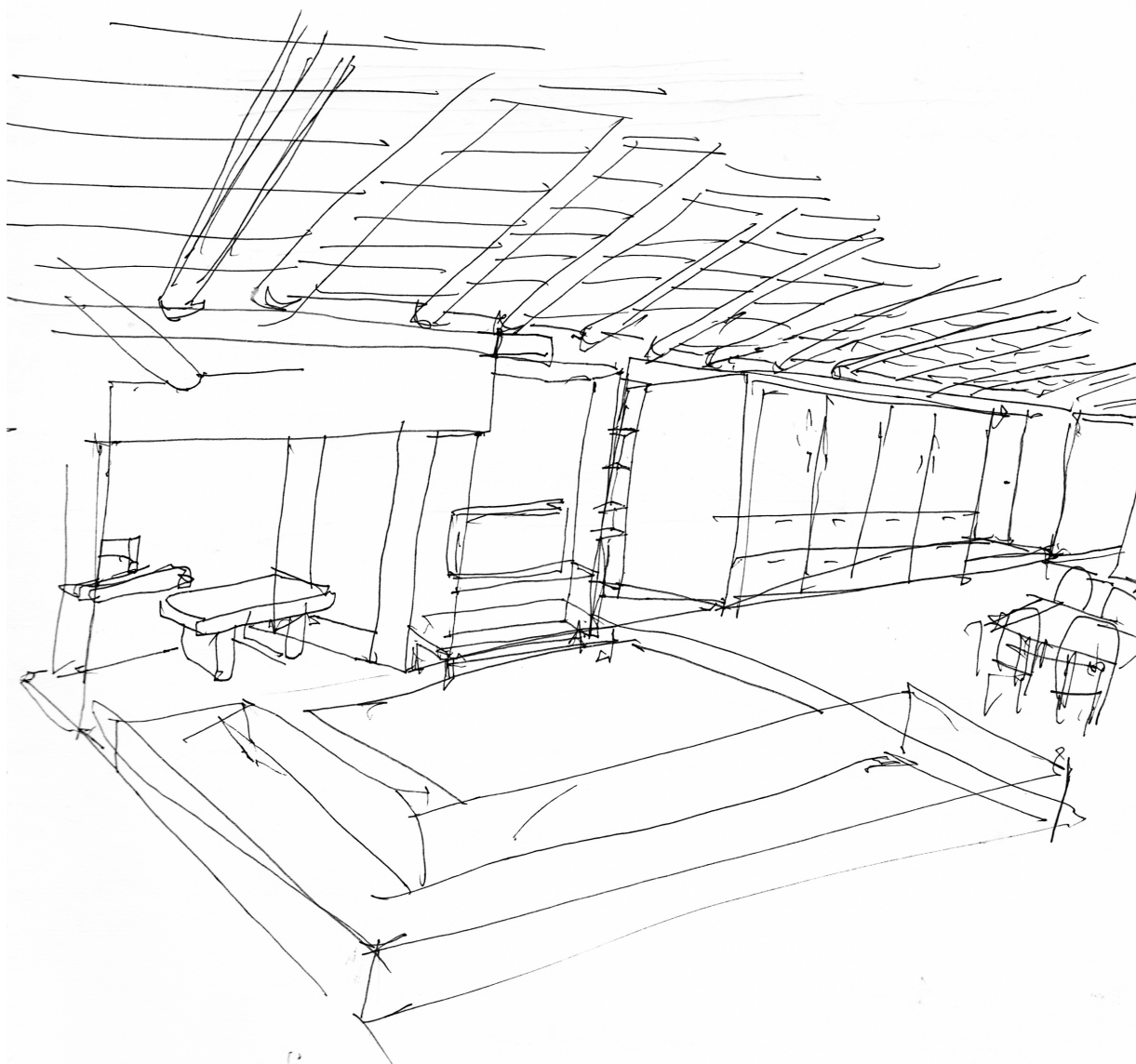
O espaço mais central desta zona da casa goza de uma relação de grande proximidade com o jardim da frente. A primeira porta (para quem chega a casa de automóvel vindo da rua pelo percurso existente) é aqui, e a primeira vez em que a pendente do terreno fica de nível com o interior. Por isso mesmo a entrada *principal* da casa faz-se por aqui. E não se entra para um *hall* porque o espaço é precioso e a relação com a cozinha uma prioridade. Por aqui é por onde a luz entra, por onde se passa, onde se come (se se quiser). É um *hall-sala-corredor*, em linguagem corrente. Por aqui se vai lá para fora e se vem para dentro. Por aqui se sobe lá para cima e se desce para vir comer. Rasgamos a pequena janela até baixo para deixar entrar a luz (como assim foi em tempos).

Sala do fogo

Em sentido inverso, na zona mais a noroeste deste espaço (onde se encontra situada a antiga cozinha), o contacto com o exterior é feito exclusivamente através de uma janela a sudoeste e uma outra a noroeste. Dadas as suas posições, estas janelas conferem à sala uma iluminação muito ténue e a luz que as penetra no fim de uma tarde de verão é laranja como o fogo. Abrimos outra janela, que foi fechada com pedras nos tempos em que as janelas ainda não tinham dois vidros, para melhor deixar entrar o laranja. Não há portas. A relação com o exterior é meramente visual. Em Afife, as nortadas⁴ são frias e violentas. Aqui, sentimo-nos abrigados e o fogo da salamandra que instalamos debaixo da chaminé do antigo forno aquece-nos nos dias de frio.

Cozinha

Esta é das poucas divisões de uma casa à que é difícil não chamar pelo nome. Aqui cozinha-se. Com uma pequena janela de 25 por 50 centímetros, este canto da casa clamava por luz. Por essa razão,



52. Esquisso dos salas antes do tecto falso e com uma proposta de mobiliário.

procurou-se manter uma relação de grande permeabilidade com o espaço da sala em frente. Ao mesmo tempo, quis-se preservar uma certa autonomia que é conseguida pela colocação de um balcão no encontro entre os dois espaços.

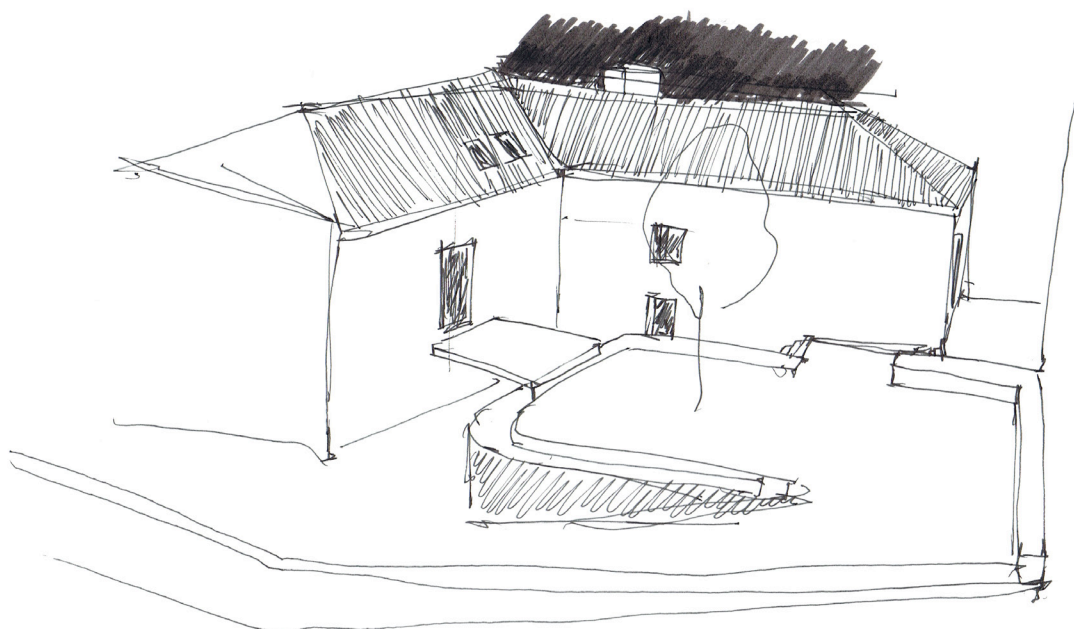
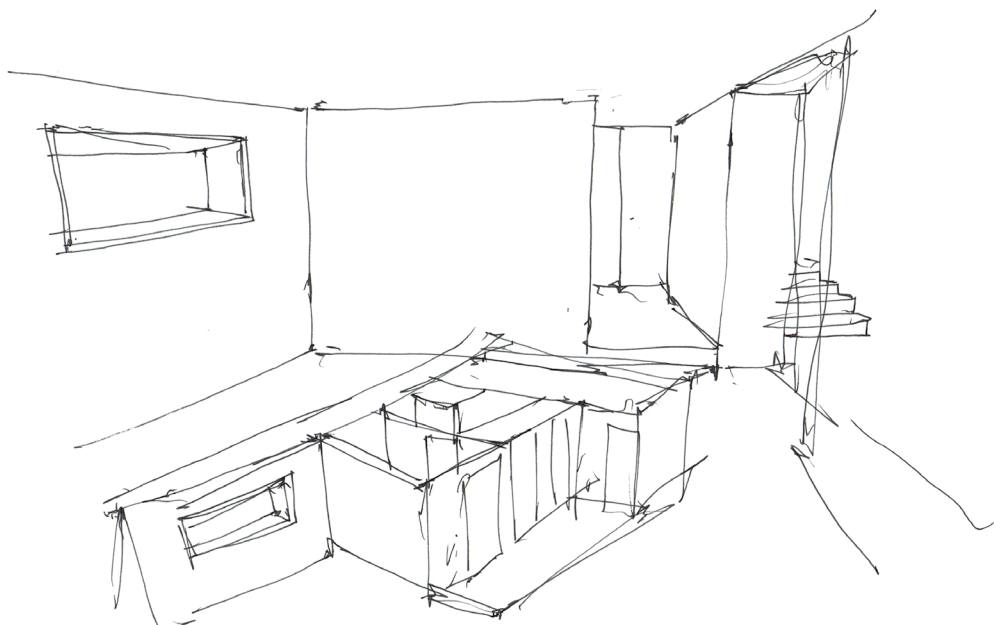
Um dos maiores problemas deste espaço (a soma dos três ambientes) era, sem dúvida, a relação fechada que mantinha com o exterior. Por causa disso, havia uma grande carência de luz e uma maneira de solucioná-lo sem o recurso a grandes intervenções na fachada era propondo um espaço aberto. A subdivisão desse espaço é depois feita através de intervenções subtis que marcam o início e o fim de cada ambiente e que vão desde pequenos desníveis a mobiliário ou pequenas mudanças nas alturas dos tectos.

4. Segundo o Dicionário infopédia da Língua Portuguesa, as *nortadas* são um fenómeno climático caracterizado por um “vento forte de norte ou de noroeste que sopra na costa ocidental de Portugal continental, sobretudo durante as tardes de verão, resultante da diferença de temperatura entre as superfícies do mar e da terra e da influência do anticiclone dos Açores.”

Acreditamos na intersecção de todas as esferas que fazem parte da vida comum dos habitantes e por isso optámos por não as compartimentar. Cozinhar, comer, conviver devem ser actos partilhados. Mesmo libertando o espaço de paredes, conseguimos propor, dentro da mesma área, múltiplas atmosferas.

À semelhança dos espaços anteriores, também os seguintes três resultam de um intenso diálogo com o exterior. Vamos chamá-los *quartos* porque foi isso que acordamos com o cliente. Mas também lhes podíamos chamar outras coisas. Enfim, chamar-se-á o que os seus habitantes quiserem. Para nós, sempre se tratou de entendê-los como espaços. De olhar para eles pelo que são e não pelo que fazem. Porque o que fazem não o determinam eles senão as pessoas. Afinal, como nos dizia Perek,

“no início, todas as divisões se assemelham bastante. São só uma espécie de cubos, digamos que são uns paralelepípedos rectangulares; e pelo menos sempre há uma porta e, ainda, frequentemente, uma janela. (...) Em suma, uma divisão é um espaço maleável.” (Perek, 2001:54).



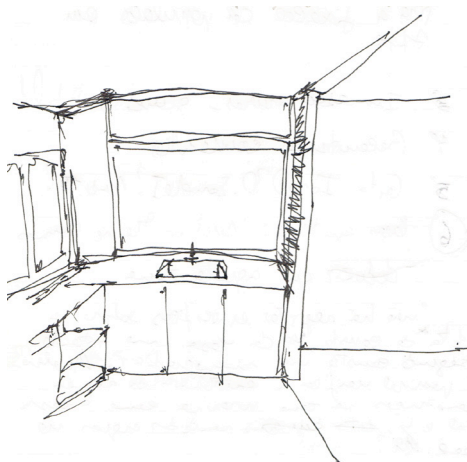
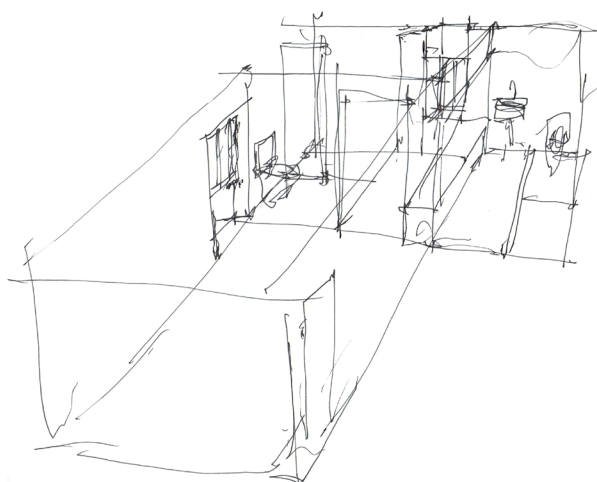
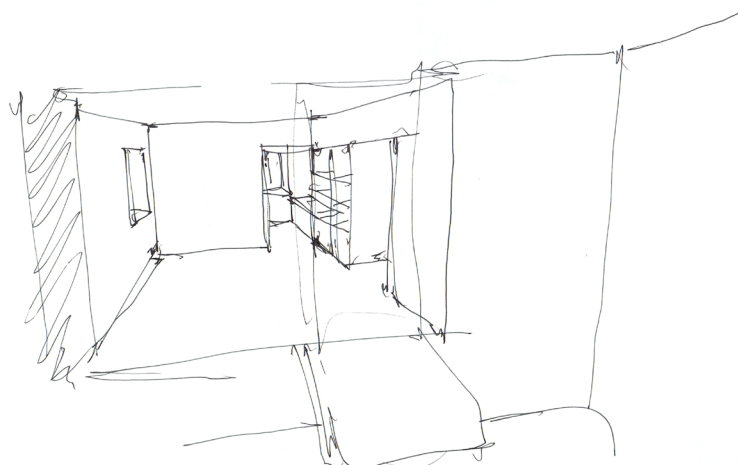
53. 54. Esquisso do quarto de baixo e esquisso do pátio interior.

Quarto de baixo

Como denunciado no capítulo anterior, este espaço foi, inicialmente, um dos que mereceu mais atenção. Como era baixo propusemos elevar o tecto em 20 centímetros e como tinha pouca luz abrimos ainda mais a pequena abertura que existia na fachada noroeste. Não resolvemos o problema da luz por inteiro porque na balança das coisas todas esta era a opção mais sensata. Perdemos um pouco aqui para ganhar muito noutra sítio (em cima, neste caso). Por isso, esquecemos os anfiteatros e as piscinas e desenhámos uma simples arrecadação no fim do volume. *Muito espaço para arrumação* como pedia o cliente. E com isto, percebemos que a arquitectura é um exercício de equilíbrio. É preciso tirar de um lado e pôr no outro. Encontrar a harmonia entre todos os elementos da composição. Pelo meio, uma casa de banho. É o *quarto de baixo* porque o acesso interior a esta divisão é feita a partir do piso térreo. Mais uma vez, é a sua relação com o exterior que define este espaço. A luz, a proporção e a orientação das suas aberturas fazem dele um espaço introspectivo. Quisemos preservar estas qualidades e por isso era importante demarcá-lo dos espaços comuns. Dissimulámos o seu acesso criando uma pequena antecâmara que faz com que a entrada nele não se faça de maneira frontal. Há uma mudança de direcção. Um abrandamento do ritmo. Um ritual de passagem entre as duas dimensões. A escada reitera essa distância. O acesso ao pátio dá-lhe autonomia.

(Pátio interior)

Este pátio, que fica situado na zona Este do terreno é conformado por três paredes e uma cortina de árvores que o abrigam do vento. Aqui as vistas não distraem e a luz que chega pela manhã é ainda delicada. A atmosfera é calma. Os quartos, com a sua personalidade intimista são o melhor complemento deste lugar. O muro que fechava a passagem do pátio à zona da piscina foi reaberto, oferecendo uma



55. 56. 57. Esquissos do quarto do pátio, do quarto pequeno e da casa de banho do quarto pequeno.

nova possibilidade de comunicação entre os dois espaços e tornou possível o percurso integral sem interrupções à volta da casa. A pedra que liga o quarto ao pátio por cima do fosso por onde os animais passavam faz lembrar as pontes levadiças dos castelos. Já imaginamos as crianças a brincar.

Quarto do pátio

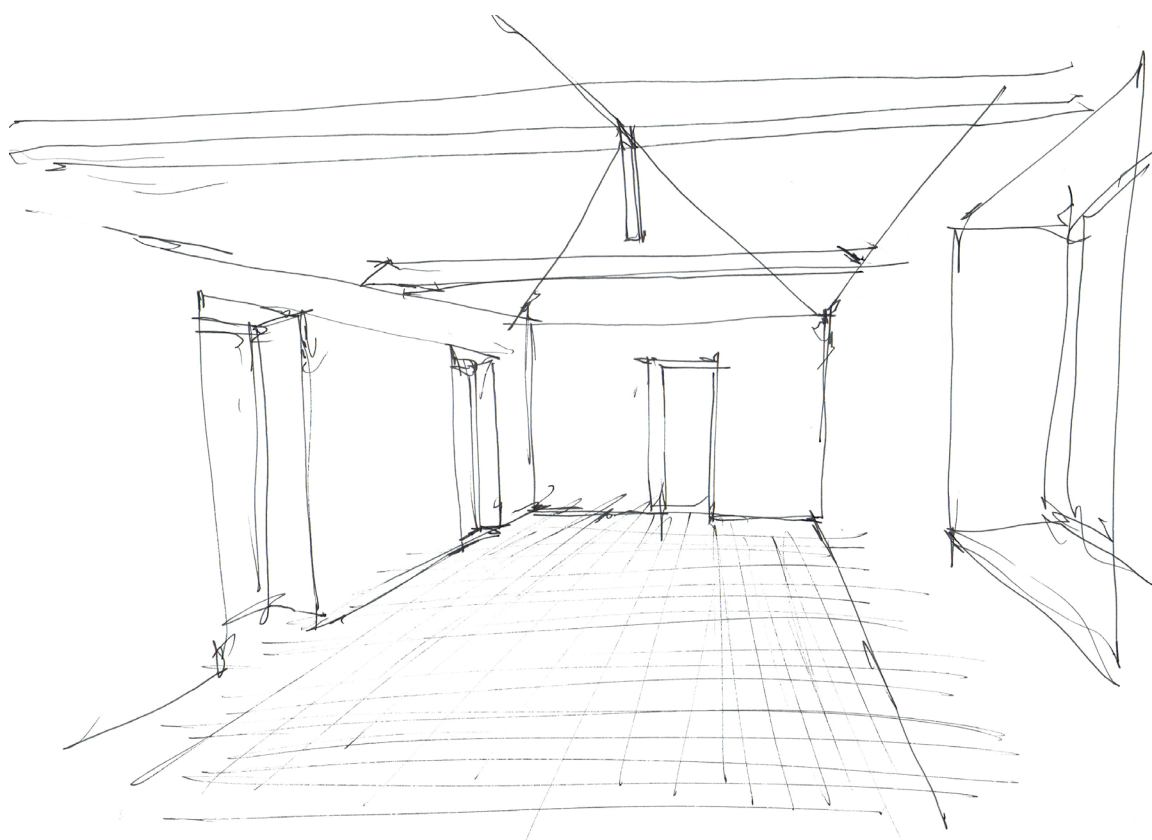
Chamamo-lo *quarto* porque o pensamos para dormir, ainda que isso já fuja ao nosso controlo. Posicionamo-lo aqui por causa do pátio e porque a sua altura em relação ao jardim da frente lhe confere a intimidade desejada.

Quarto pequeno

Este é o pequeno simplesmente porque é mais pequeno que o do pátio. Não é muito mais pequeno que o outro mas o prolongamento do seu interior para o exterior dá-lhe uma sensação de amplitude que este não possui. Um dos motivos da sua posição é também o da sua altura face ao jardim. A proximidade com o outro quarto permitiu criar um corredor de distribuição comum protegido do percurso que une as zonas comuns dos dois pisos da casa, que por sua vez é feito por uma escada que é iluminada por duas clarabóias. Este quarto é a única divisão da casa que não possui uma porta para o exterior encerrando-se nele mesmo. Mais que nada, aqui viramo-nos para dentro.

Casas de banho

Se de alguma maneira incumpirmos com aquilo a que nos propusemos neste projecto devemo-lo, sobretudo, às casas de banho. Esta questão facilmente se ultrapassaria com um exercício de escapismo semelhante àquele praticado ao longo de todo o curso (e que certamente nos ajudaria a melhor fundamentar as nossas posições). No entanto, cremos ser mais proveitoso e definitivamente



58. Esquisso do espaço inútil.

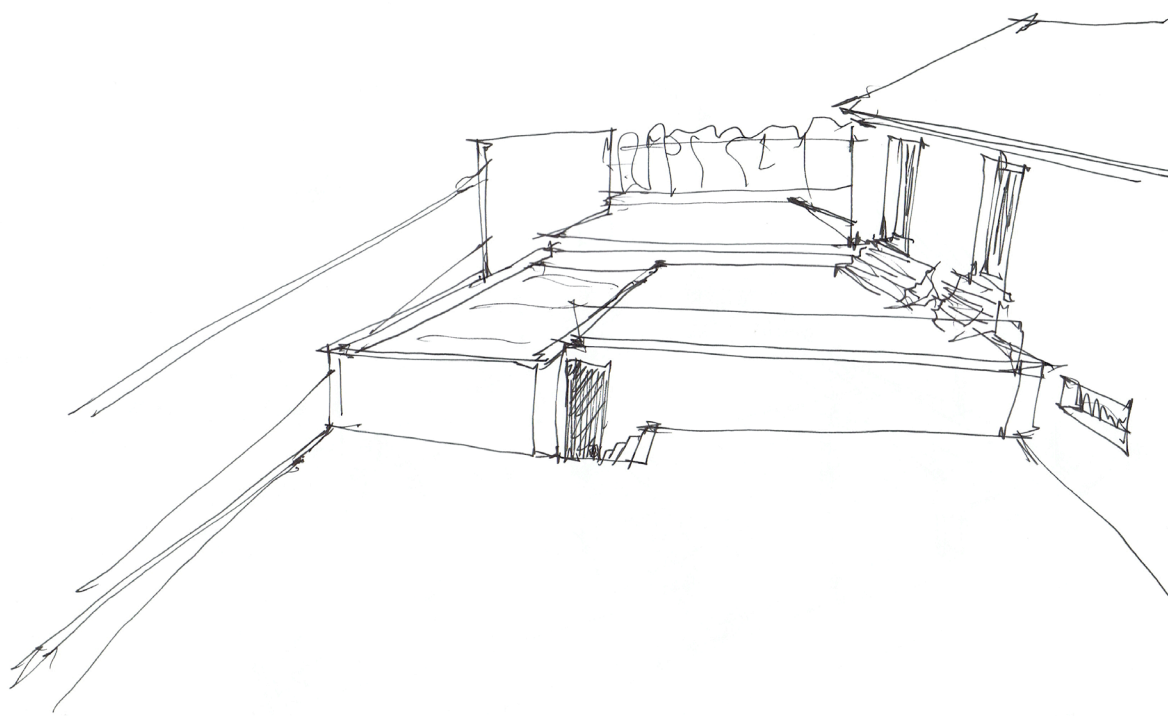
mais honesto assumir que a arquitectura não é um desígnio exclusivo do arquitecto e que as pessoas para quem projectamos fazem parte da equação tanto como qualquer outra circunstância que se queira evocar. Dito isto, as casas de banho tinham que ser dentro dos quartos embora soubéssemos que esta decisão limitava drasticamente o potencial para a maleabilidade que se pretendia para aquelas divisões. Mais uma vez, tratava-se de encontrar o equilíbrio certo, um compromisso. O tipo de compromisso que nos permitiu projectar o espaço de que vamos falar a seguir.

Um espaço inútil

Quando Perec tentou imaginar um espaço inútil chegou à ineludível conclusão de que a linguagem era incapaz de descrevê-lo, “como se só se pudesse falar do que é pleno, útil e funcional”, dizia. (Perec, 2001:59). Porventura, porque a concepção de qualquer espaço implica necessariamente um criador com quem partilha uma condição de absoluta interdependência. Pressupõem um uso, mesmo que simbólico ou contemplativo. Talvez por isso seja impossível pensar num espaço perfeitamente inútil daí que o espaço construído não seja mais que o prolongamento da nossa existência na terra.

Ainda assim, ocorreu-nos chamar-lhe de inútil porque queríamos reter a ideia de um espaço que remete para um lugar sem função. Sem nenhuma utilidade pré-programada. É uma crítica à cultura do monofuncionalismo dos espaços e uma proposta alternativa. É um espaço subversivo porque contraria as lógicas de mercantilização da superfície da terra e a sua presença é ainda mais relevante pelo facto de se inserir num projecto que tem na sua própria génese essa mesma lógica de rentabilização. É importante reconhecer a abertura do cliente a estas ideias e a capacidade de ver que o valor das coisas não se mede apenas pelo seu capital monetário.

Depois de um auditório, um jardim de inverno, uma piscina, um quarto, dois quartos, propusemos esvaziar o interior e criar um amplo



59. Esquisso da zona da piscina e do muro.

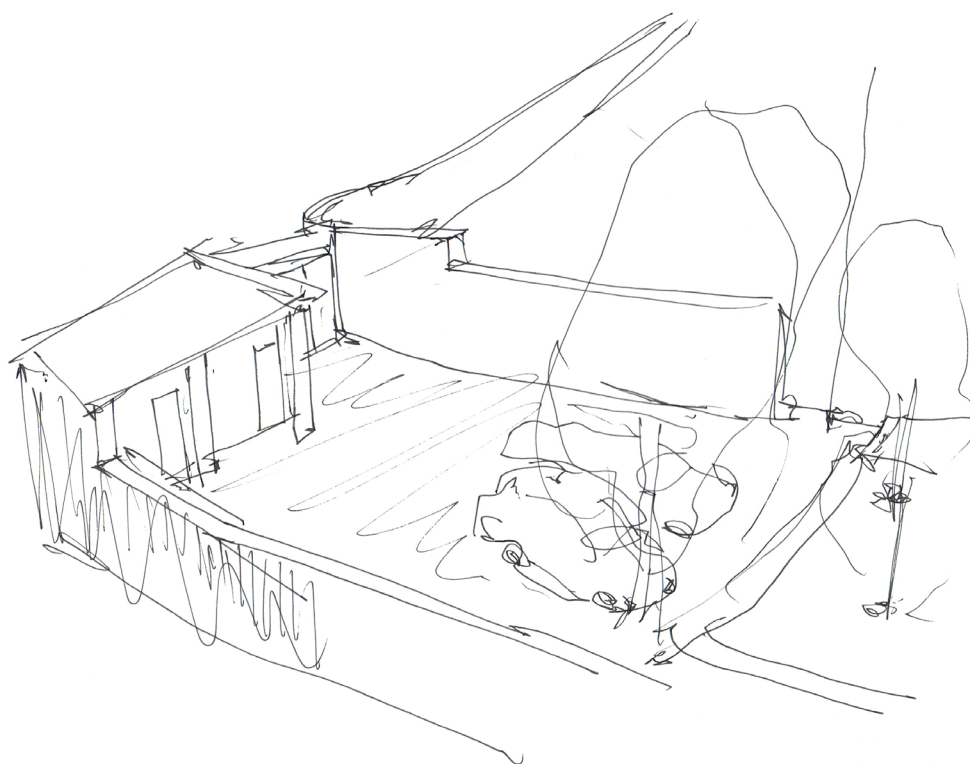
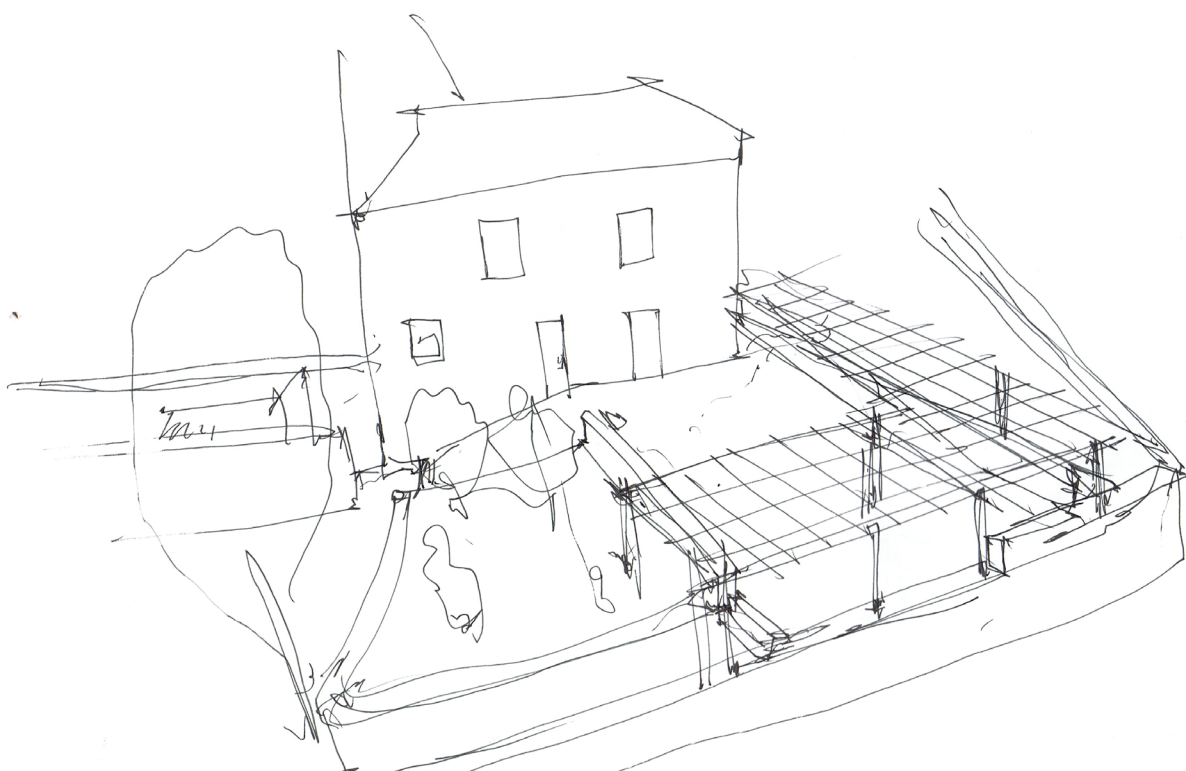
espaço aberto. Transformamos uma janela – que tinha sido fechada – numa porta, para deixar entrar a luz e estabelecer um maior diálogo com a zona exterior adjacente. Aproveitamos a inclinação do telhado para aumentar o pé-direito, expandindo ainda mais a sensação de amplitude.

A sua posição no plano da organização geral da casa pedia que este espaço possuísse um carácter comunitário, um espaço para todos os habitantes. Julgávamos essencial que o percurso interno entre duas zonas importantes do terreno: do jardim da frente à zona da piscina fosse todo ele percorrido por zonas comuns. Era por isso importante preservar a natureza colectiva deste espaço.

A piscina e o muro vermelho

A ideia da piscina surgiu logo nos primeiros esboços mas só mais tarde teve a luz verde definitiva, acompanhada da decisão de fazer da casa um projecto de turismo rural. Em Afife, é comum sentir-se calor no sopé da serra (onde se encontra a nossa casa) e frio junto ao mar. Por causa disto, em dias de férias, muitas famílias optam por não ir à praia e ficar em casa. A piscina é uma mais-valia.

A escolha para a sua localização foi relativamente rápida. Precisávamos de um espaço amplo com boa comunicação com o interior da casa e a zona noroeste do terreno era a única que nos oferecia essas condições. Posicionámo-la na zona mais alta do terreno. Daqui vemos o mar e no verão o sol põe-se mesmo em frente. Afastámo-la o máximo possível para norte para fugir à sombra da casa e unimo-la à piscina através de uma plataforma. A Este, um relvado separa esta plataforma do caminho que une a entrada pedonal no terreno a uma das entradas da casa (pelo *espaço inútil*). Aqui estendemos as toalhas e secamo-nos ao sol. Um grande muro de 3 metros de altura abriga-nos do vento. Sim, são precisos três metros de muro para este vento. É a peça que marca a entrada, que separa o limite da piscina



60. 61. Esquisso do jardim da frente e da casa dos automóveis.

do caminho que desce junto ao muro. É uma escultura e é necessária. Talvez venha a ser vermelha e tudo.

Jardim da frente

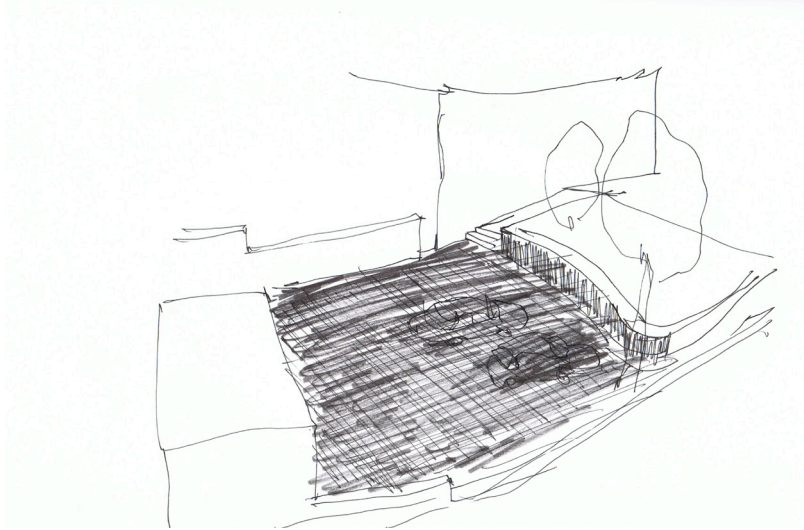
Não é à toa que tantas vezes chamamos à fachada da casa que confronta com este jardim *a fachada principal*. É o sol mas é também a chegada. São as salas e é a cozinha. Por tudo isto poder-se-ia dizer que *principal* é também este jardim mas por uma questão de justiça para com os outros jardins ficou assim, *jardim da frente*. Aqui não fizemos quase nada. Os nossos antepassados percebiam mais de jardins do que nós e por isso só tivemos que recuperar o trabalho que o tempo tinha arruinado. Reerguemos os muros de pedra e podámos as árvores. Pavimentámos a zona mais próxima da casa para tornar os jantares de Verão mais cómodos e imaginámos pessoas a ler livros em camas de rede à sombra das vinhas que recuperámos.

Anexo

Este anexo, inserido no ponto mais a noroeste do terreno, aproveita uma construção existente que se subdividia em duas áreas menores. Elevámos o telhado para torná-lo acessível ao largo de toda a sua superfície. Não o pensamos para desempenhar nenhuma função específica mas suspeitamos, dada a posição que assume no terreno e o seu isolamento face aos espaços interiores da casa, que será usado como espaço de arrumação, potencialmente de objectos relacionados com actividades realizadas no exterior. (Utensílios de jardinagem, cadeiras de exterior, camas de rede, etc.)

Casa dos automóveis

Este é mais um dos lugares que já tinha decidido o que queria ser antes de nós. É a única zona do terreno de nível com a estrada e a única com uma abertura suficientemente larga para receber os automóveis. Só isto já seria suficiente para justificar a sua posição



62. Esquisso da zona do estacionamento (casa dos automóveis).

mas a cortina de árvores que separa esta zona do *jardim da frente* e o muro de dois metros que o separa do relvado da piscina faz com que se dissipem todas as dúvidas. Estes separadores naturais não só demarcam este espaço dos restantes como parecem querer escondê-lo dos olhares do quotidiano. É como se nos dissessem que aqui a dureza das máquinas não entra e procurassem evocar de volta a atmosfera de tempos passados.

Este lugar não é apenas um refúgio da cidade. É um refúgio dos nossos tempos.

EPÍLOGO

Quando Álvaro Siza (2008:273) comparava o acto de projectar com uma viagem (“comboio assaltado em movimento”), advertia também para a necessidade de “saber parar e ser oportuno na paragem.”

Esta viagem – por nós próprios – que agora se interrompe, culmina numa proposta que representa a síntese entre o cruzamento de todas as circunstâncias que interferiram nesse processo: as particularidades físicas do sítio, as exigências do cliente ou as convicções pessoais sobre a prática da arquitectura são apenas algumas. No final, a sensação de que a arquitectura não é uma criação, mas antes, um acontecimento, o resultado da intersecção de todas as variáveis que jogaram o jogo da transformação deste lugar. Uma obra de todos: dos que se apropriaram deste sítio em primeiro lugar, de todos os que o foram transformando ao longo do tempo e dos que agora o modificam uma vez mais. Como dizia Habraken (1998:7), “a própria durabilidade e transcendência do ambiente construído é apenas possível porque a mudança é contínua.” Assim, esta proposta é apenas mais um momento deste sítio na história dos tempos e dos sítios, cristalizado num papel. Uma proposição de possibilidades.

Das várias indagações a que nos prestámos ao longo desta dissertação destacamos a crítica à uniformização dos modos de vida e à ritualização da vida doméstica incentivada e perpetuada por uma arquitectura do passado assente em ideais de racionalidade, funcionalidade ou rentabilidade. Cremos ser imperativo repensar a rigidez programática dos modelos habitacionais que herdámos e procurar soluções mais flexíveis e mais condizentes com o tipo de sociedade em que vivemos: intercultural, plural, móvel.

A proposta que apresentamos procura responder a essas inquietações, quer pela proposição de espaços *inúteis*, quer pelo eliminar das barreiras compartimentadoras dos espaços domésticos convencionais

e apesar das óbvias contradições, provocadas por circunstâncias – não menos importantes – que ultrapassam a nossa vontade, apraz-nos saber que há um caminho possível a percorrer. Tal como Solà-Morales (1996:23) escreveu,

“a nossa cultura pós-industrial reclama espaços de liberdade, de indefinição e improdutividade, mas desta vez não ligados à noção mítica da natureza mas antes à experiência da memória, da romântica fascinação pelo passado ausente como arma crítica frente ao presente banal e produtivista.”

LISTA DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, L. (1987). *Arquitectura Religiosa do Alto Minho: Igrejas e Capelas do Alto Minho do Séc. XII ao Sé. XVII*. Viana do Castelo, Portugal: Escola Superior de Teologia e Ciências Humanas.

Arquivo Distrital de Braga (s.d.). *Mosteiro S. João de Cabanas: História Administrativa/Biográfica/Familiar*. Disponível em <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1194884> [Consultado em 2018-08-15].

Calor, I. (s.d.). *Mosteiro de S. João Baptista de Cabanas*. Disponível em Arquivo do Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife (NAIAA), Afife, Viana do Castelo, Portugal.

Congress Internationaux d'Architecture moderne (CIAM), (1946) *The Athens Charter*. (trad. J.Tyrwhitt). Paris, France: The Library of the Graduate School of Design, Harvard University. [edição original, *La Charte d'Athenes*, 1933].

Frampton, K. (1993). *Historia Crítica de la Arquitectura Moderna*. (Trad. de Jorge Sainz). Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili. [edição original: *Modern Architecture: A Critical History*. Londres, Reino Unido: Thames and Hudson, 1980].

Habraken, N. J. (1998). *The Architecture of the Ordinary: Form and control in the built environment*. Massachusetts, EUA: MIT Press.

Harvard Graduate School of Design [Harvard GSD]. (2015, Março, 25). *Anne Lacaton and Jean-Philippe Vassal, "Freedom of Use"* [Ficheiro de vídeo]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zdgYGkQM9zc&t=241s&frags=pl%2Cwn>

Heidegger, M. (1971). *Poetry, Language, Thought*. Nova Iorque, EUA: Harper & Row.

Jung, C.G. (1991). *Tipos psicológicos*; (trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth). Petrópolis, Brasil: Vozes. [edição original: *Psychologische Typen*. Zurique, Suíça: Rascher Verlag, 1921].

Leal, P. (1873). *Portugal: Antigo e Moderno*. Lisboa, Portugal: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão.

Meira, A. R. (1945). *Afife*. Porto, Portugal: Edição do Autor

Mendes, M. (n.d.). *Ficha da Unidade Curricular de Teoria 2, 2016-2017*. Porto, Portugal: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Nesbit, K. (Eds.). (1996). *Theorizing Architecture Theory: An anthology of architectural theory (1965-1995)*. Nova Iorque, EUA: Princeton Architectural Press.

Perec, G. (2001). *Especies de Espacios*. Barcelona, Espanha: Literatura y Ciencia, S.L. [edição original: *Especies d'Espaces*. Paris, França: Éditions Galilée, 1974]

Rudofsky, B. (1964). *Architecture Without Architects*. Nova Iorque, EUA: Museum of Modern Art.

Sindicato Nacional dos Arquitectos. (1961). *Arquitectura Popular em Portugal, Volume I*. Lisboa, Portugal: Sindicato Nacional dos Arquitectos.

Siza, A. (2009). *01 Textos*. Porto, Portugal: Civilização Editora.

Solà-Morales, I. (1996) *Presente y Futuros: La Arquitectura en las Ciudades*. Barcelona, Espanha: Comitè d'Organització del Congrés UIA Barcelona 96.

Spacial Agency (n.d). *Otto Steidle*. Disponível em <http://www.spatialagency.net/database/steidle> [consultado em 2018-09-11].

Zumthor, P. (2006). *Atmospheres*. Basileia, Suíça: Birkhäuser GmbH.

OUTRAS CONSULTAS

Livros

Schildt, G. (Eds.). (1998) *Aalto in his own words*. Nova Iorque, EUA: Rizzoli.

Aurelli, P. V. (2013). *Less is enough*. Strelka Institute for Media, Architecture and Design.

Bachelard, G. (2000) *A poética do espaço*. (trad. António de Pádua Danesi). São Paulo, Brasil: Martins Fontes.

Benjamin, W. (2012) *Imágenes que piensan*. (ed. Tillman Rexroth). (trad. de Jorge Navarro Pérez). Madrid, Espanha: Abada Editores.

Deplazes, A. (Eds.). (2005) *Constructing Architecture: Materials, Processes, Structures, a Handbook*. Basileia, Suíça: Birkhäuser - Publishers for Architecture.

Han, B. (2014). *A sociedade do cansaço*. (trad. De Gilda Lopes Encarnação). Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores.

Lacaton, A., Vassal, J. P. (2009) *Lacaton & Vassal*. Paris, França: Cité de l'architecture & du patrimoine.

Lefebvre, H. (2000) *La Production de l'Espace*. Paris, França: Anthropos. (4ª edição).

Lerup, L. (1977). *Building Unfinished. Architecture and human action*. London, Reino Unido: Sage Publications.

Lippolis, L. (2016). *Viagem aos confins da cidade*. (trad. Margarida Periquito). Lisboa, Portugal: Antígona.

Lucan, J. (2009). *Composition, Non-composition. Architecture et theories, XIXe. – XXe. Siècles*. Lausanne, Suíça: Presses Polytechniques et Universitaires Romandes.

Rossi, A. (2001) *Arquitectura da cidade*. (trad. Eduardo Brandão) São Paulo, Brasil: Martins Fontes. (2ª edição).

Sykes, A. (2010). *Constructing a New Agenda: Architectural theory 1993-2009*. New York, EUA: Princeton Architectural Press.

Valderrama, L. (2004) *La Construcción de la Mirada: Trés Distancias*. Sevilla, Espanha: Universidad de Sevilla/Secretariado de Publicaciones.

Venturi, R. (1977). *Complexity and contradiction in architecture*. Nova Iorque, EUA: The museum of Modern Art. (2ª edição).

Weber, M. (1992) *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*. Londres, Reino Unido: Routledge.

Solà-Morales, I. (2003). *Inscripciones*. Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili.

Websites

<https://www.lacatonvassal.com>

<https://www.revistapunkto.com>

<http://www.spatialagency.net>

<http://www.vitruvius.com.br/>

CRÉDITOS DE IMAGENS

01. Arquivo pessoal
02. Sindicato Nacional de Arquitectos
03. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/75016>
04. Disponível em <https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=143527368>
05. Arquivo pessoal
06. Arquivo pessoal
07. Arquivo pessoal
08. Arquivo pessoal
09. Arquivo pessoal
10. Arquivo pessoal
11. Arquivo pessoal
12. Arquivo pessoal
- 13-29. Arquivo pessoal
30. Arquivo pessoal
31. Disponível em <https://www.are.na/block/1537349>
32. Disponível em <https://maison-monde.com/lart-et-larchitecture-dogon/>
33. Disponível em https://www.reddit.com/r/architecture/comments/5ix1jk/tindaya_mountain_eduardo_chillida_1996/
34. Disponível em <https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=24>
35. Disponível em <http://oma.eu/projects/maison-a-bordeaux>
36. Disponível em <https://www.archdaily.com/tag/maison-de-verre>
37. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/871669/classicos-da-arquitetura-projeto-habitacional-pruitt-igoe-minoru-yamasaki>
38. Disponível em <http://portal.uur.cz/pdf/charter-of-athens-1933.pdf>
39. Disponível em <http://www.markrothko.org/number-14/>
40. Arquivo pessoal
41. Disponível em <https://www.archdaily.com/16546/amphitheater-house-aristide-antonas>
42. Arquivo pessoal
43. Arquivo pessoal
44. Arquivo pessoal
45. Arquivo pessoal

46. Arquivo pessoal

47. Disponível em <http://www.spatialagency.net/database/steidle>

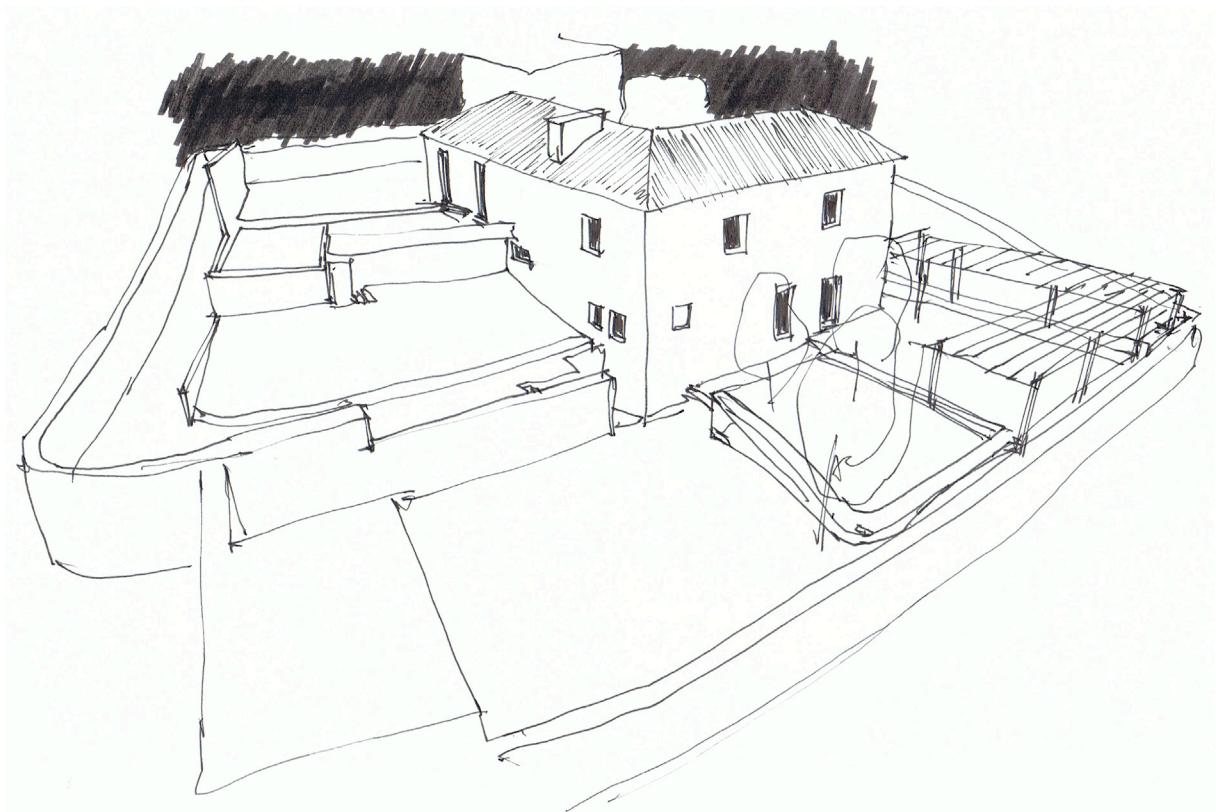
48-62. Arquivo pessoal

PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA CASA EM AFIFE:
notas sobre o processo de transformação de um lugar.

[volume dois de dois]

projecto

fotografias - pré-existência - projecto - estudos



fotografias do processo

índice de desenhos

PRÉ-EXISTÊNCIA

01. planta de coberturas | 1:200

02. plantas | 1:100

PROJECTO

03. planta de coberturas - 1:200

04. alçado jardim da frente aa' | 1:100

05. alçado tardoz dd' | 1:100

06. alçado pátio uu' | 1:100

07. alçado piscina zz' | 1:100

08. planta r/c | 1:50

09. planta primeiro piso | 1:50

10. corte bb' | 1:50

11. corte cc' | 1:50

12. corte vv' | 1:50

13. corte xx' | 1:50

estudos

fotografias do processo

No decorrer do projecto recorreremos a algumas estratégias no sentido de melhor compreender os elementos e os espaços da casa. Uma delas foi a demolição de algumas paredes com o objectivo de desencobrir o que havia sido escondido pelo tempo. São disso exemplo os casos da passagem entre os dois volumes situada no piso do superior ou a remoção do gesso cartonado na zona do forno a lenha. Além disso, fizemos uso dos materiais de que dispúnhamos (bambú, paus, troncos, cordas) como meios para experimentar/simular possíveis intervenções. Esta relação táctil com a pré-existência deu-nos uma melhor percepção das diferentes espacialidades e das potencialidades de cada ambiente.







Remoção da parede adjacente ao forno de lenha.





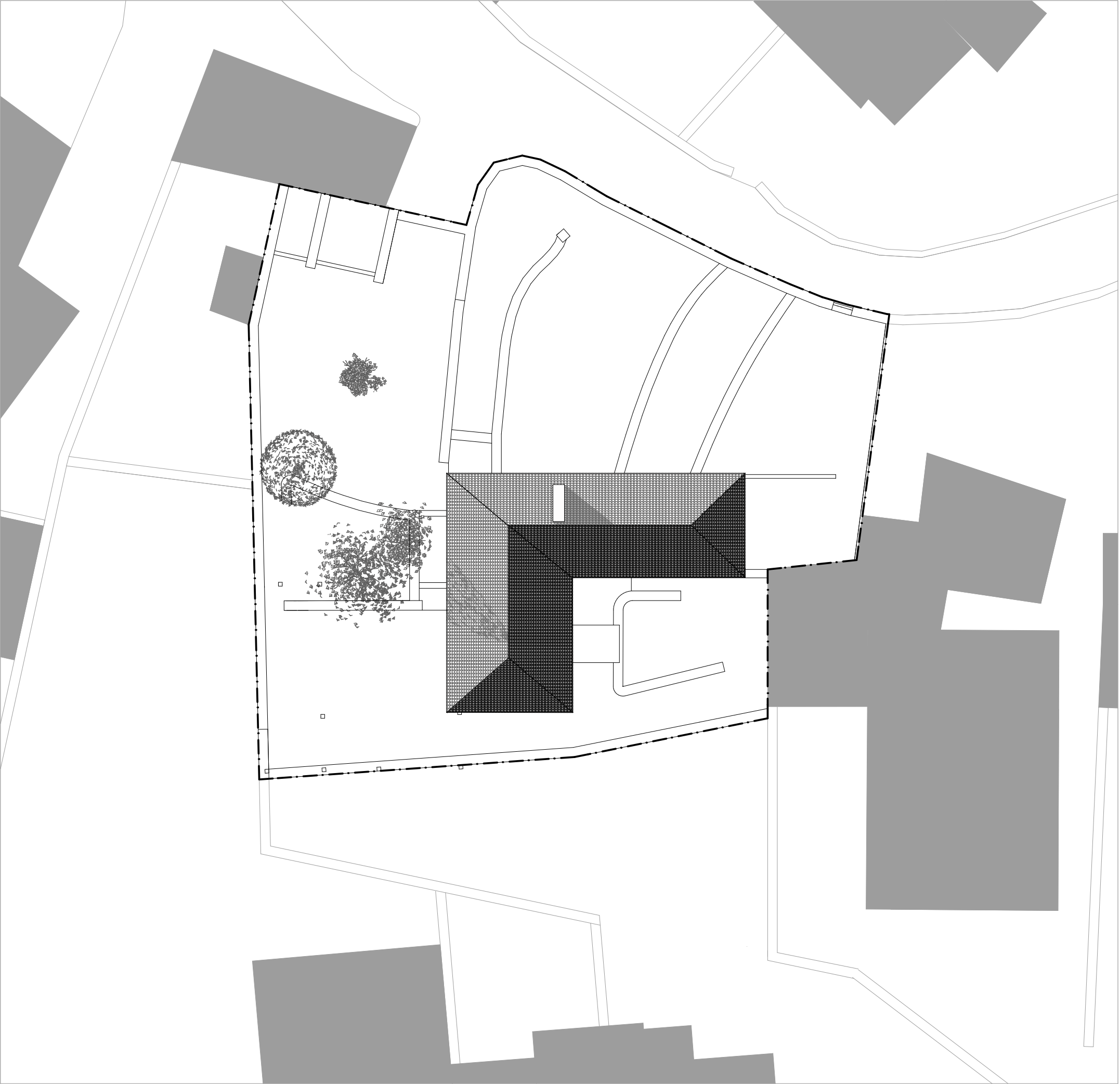
Remoção da parede de tabique situada na passagem entre os dois corpos do volume do piso superior.



Simulação de uma parede divisória no piso superior com bambu e peças de cerâmica.



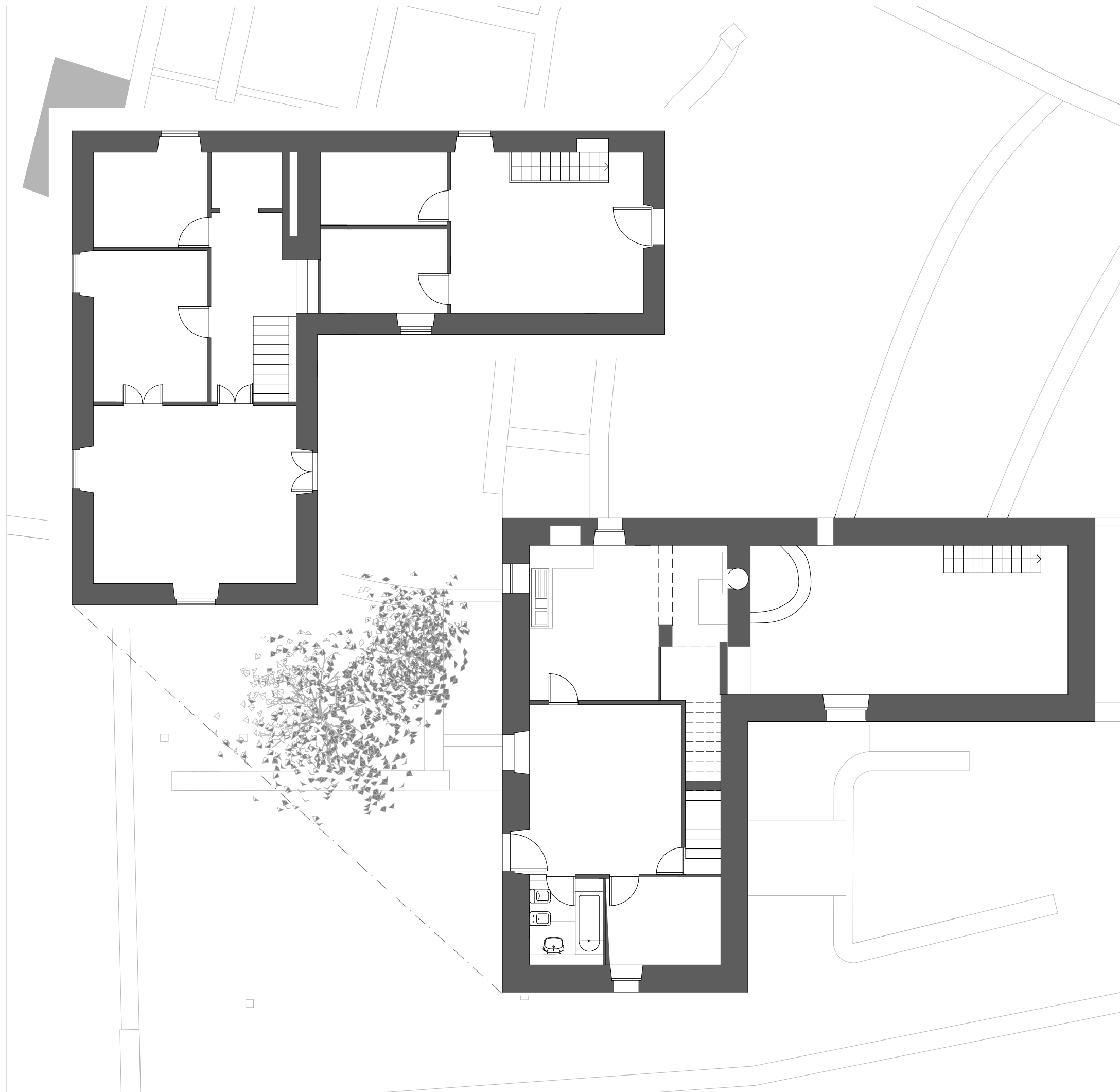
Simulação de uma possível localização das escadas com bambu e corda.



PRÉ-EXISTÊNCIA

1:200

planta de coberturas

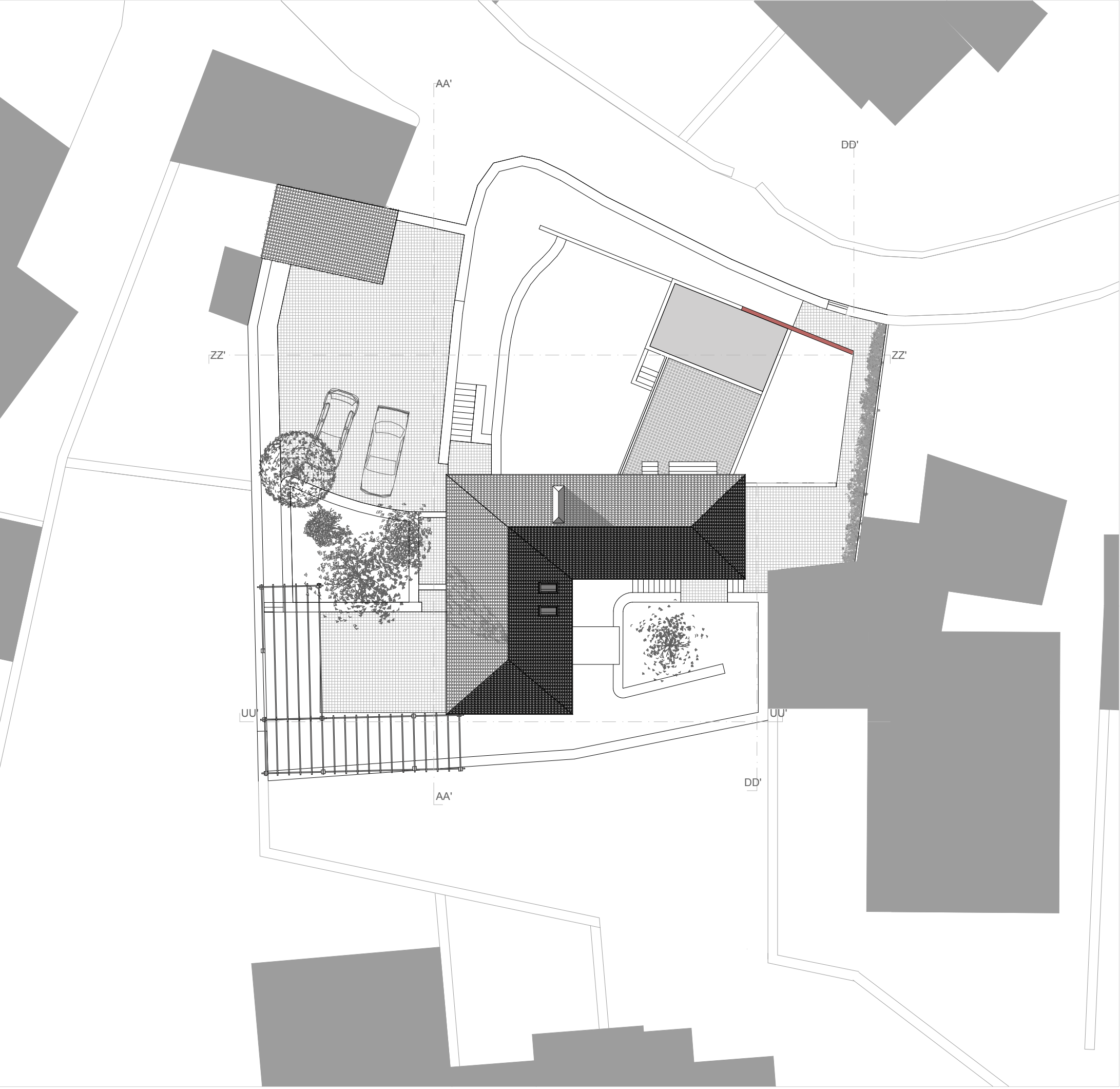


PRÉ-EXISTÊNCIA

1:100

plantas dos dois pisos

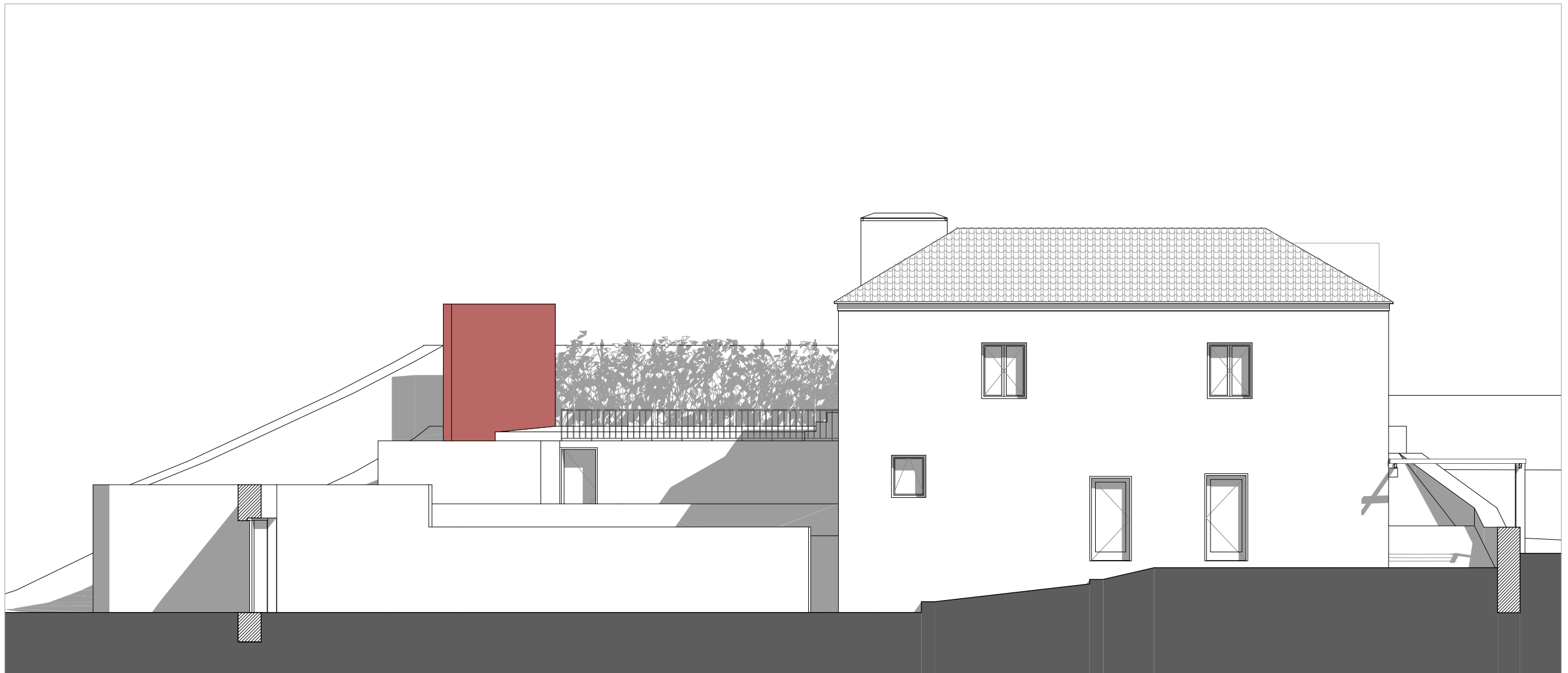
02



PROJECTO

1:200

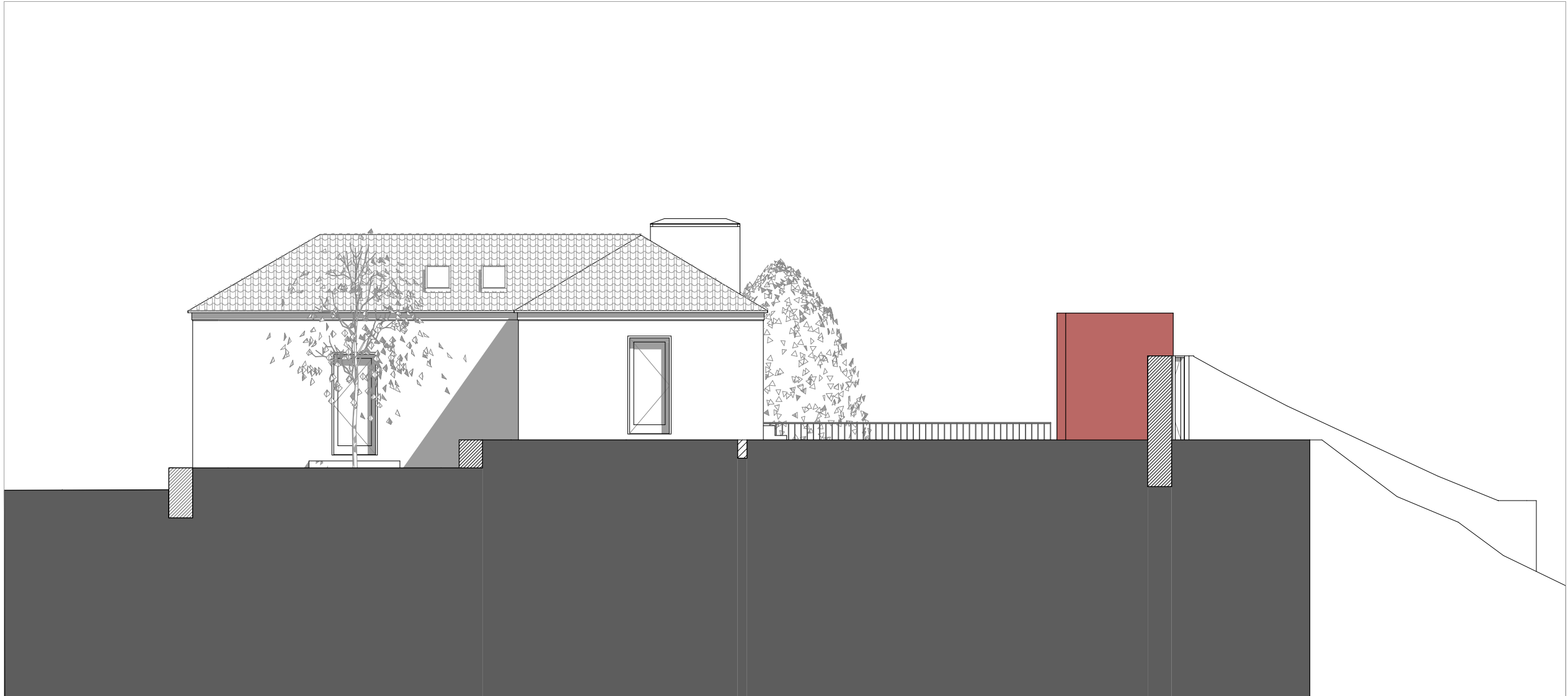
planta de coberturas



PROJECTO

1:100

alçado jardim da frente aa'





PROJECTO

1:100

alçado pátio uu'

06



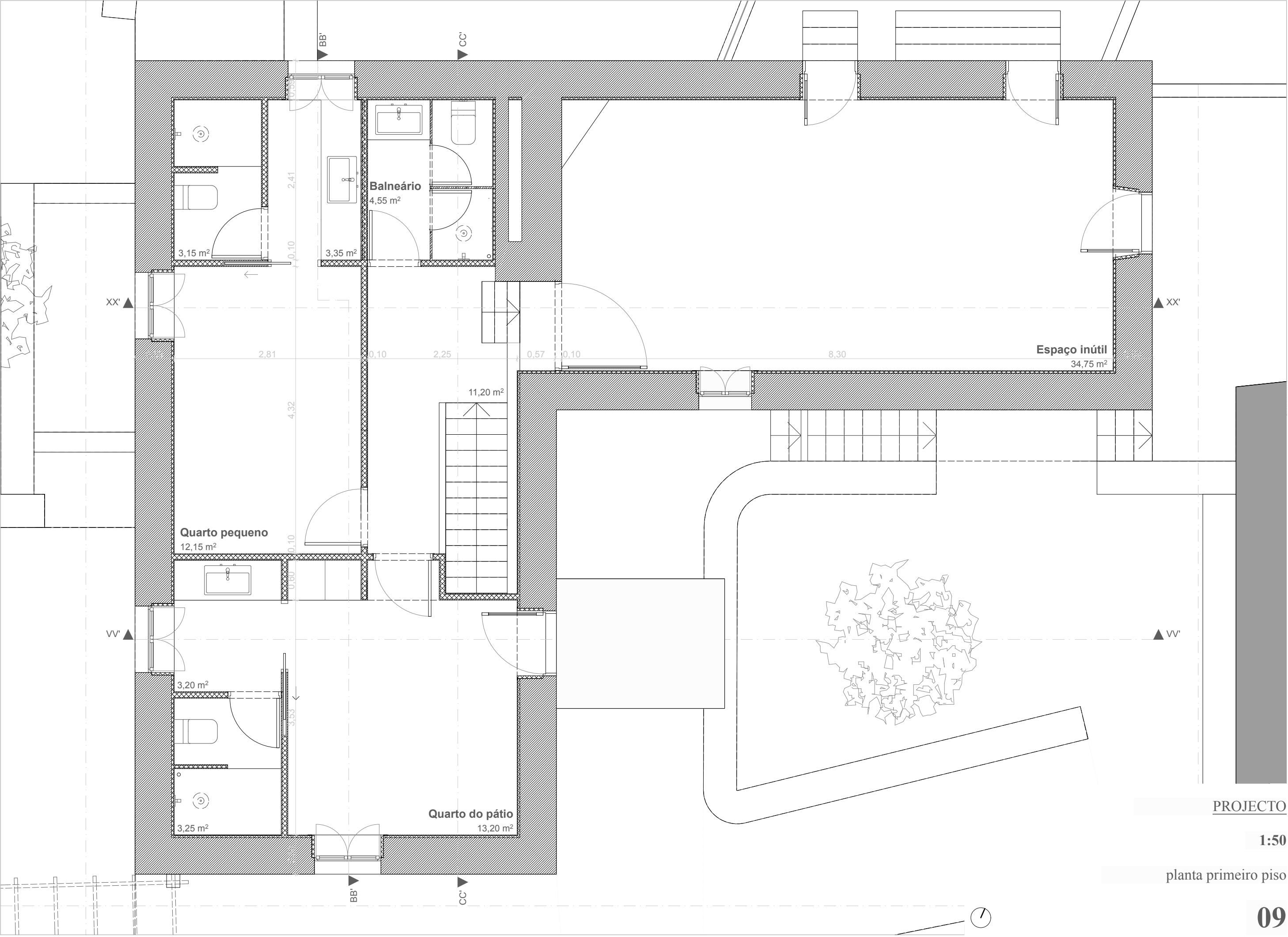
PROJECTO

1:100

alçado piscina zz'

07

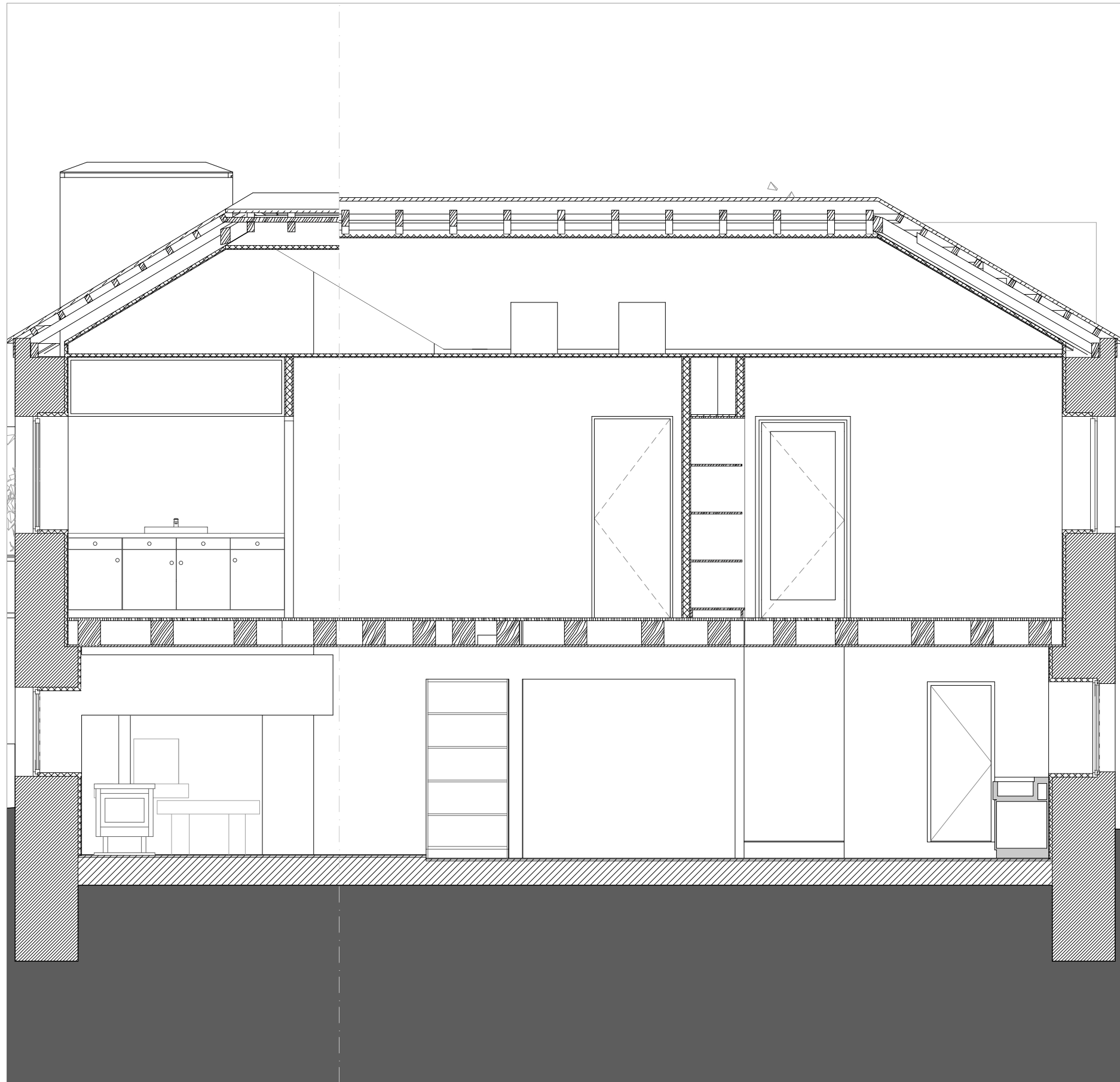




PROJECTO

1:50

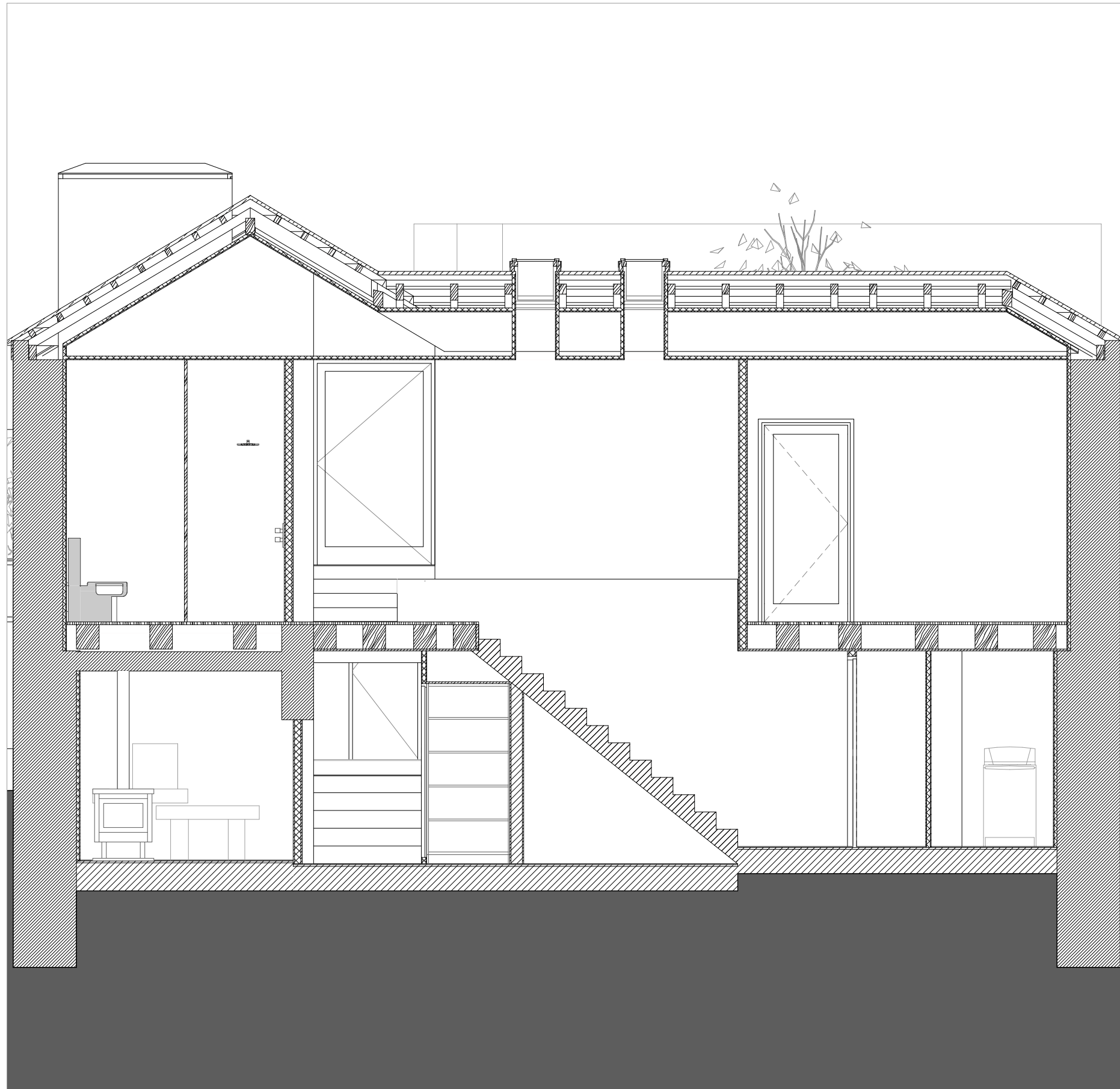
planta primeiro piso



PROJECTO

1:50

corte bb'



PROJECTO

1:50

corte cc'



PROJECTO

1:50

corte vv'



PROJECTO

1:50

corte xx'

estudos

